



Centro Universitário de Brasília

Centro Universitário de Brasília - UNICEUB

Faculdade de Ciências Jurídicas e Ciências Sociais – FAJS

# **Uma nova Guerra Fria? EUA e Rússia no conflito da Síria**

Brasília, DF

Setembro de 2015

Gabriel Abranches Nacfur

# **Uma nova Guerra Fria? EUA e Rússia no conflito da Síria**

Monografia apresentada como requisito para conclusão do curso de Bacharelado em Relações Internacionais pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Ciências Sociais – FAJS do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Orientador: Prof. Dr. Frederico Seixas Dias

Brasília, 2015

Gabriel Abranches Nacfur

# **Uma nova Guerra Fria? EUA e Rússia no conflito da Síria**

Monografia apresentada como requisito para conclusão do curso de Bacharelado em Relações Internacionais pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Ciências Sociais – FAJS do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Orientador: Prof. Dr. Frederico Seixas Dias

Brasília, 10 de Outubro de 2015

**Banca Examinadora**

X

---

**Frederico Seixas Dias**

X

---

**Gabriel Mattos Fonteles**

X

---

**Carlos Ricardo Caichiolo**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, a Deus por me dar saúde, uma família que me ama e que me deu a oportunidade de cursar uma faculdade, e de concluir uma graduação.

Agradeço ao meu orientador, Frederico Seixas Dias, por me auxiliar com textos, artigos, correções e dicas para a concretização desse estudo. E dizer que sua orientação foi indispensável para a conclusão desse artigo.

Agradeço também aos meus familiares e amigos que me deram apoio, seja emocional, ou seja com conselhos para o próprio estudo. Agradeço em especial a minha prima Ana Laura Skaf que esteve sempre presente quando eu necessitava de sua ajuda e suas orientações.

Agradeço a todos que de alguma forma participaram da conclusão dessa pesquisa.

## RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo analisar o conflito da Síria, abordando a sua complexidade e os interesses dos vários agentes envolvidos, tendo em vista a importância que todos têm para a solução do conflito. O foco, porém, é nos dois Estados mais importantes para essa solução: Estados Unidos e Rússia, que são indispensáveis para que essa batalha chegue ao fim. Isso se dá, pois por trás da guerra civil na Síria existe um enfrentamento de interesses dessas potências, que pode caracterizar uma nova Guerra Fria. Com o início da revolta da população Síria contra o seu governo, os Estados Unidos perceberam uma oportunidade para finalmente ter influência na Síria, tendo em vista que a Rússia esteve sempre presente, e assim expandir seu poder no Oriente Médio. A Rússia continua apoiando o regime de Assad, que há muitos anos vem cooperando com ela. Busca também readquirir um prestígio e maior influência na região do Oriente Médio, já que os Estados Unidos vêm aumentando suas influências na região nos últimos anos, e a Síria é um território importante para isso. Putin em seus discursos acusa os Estados Unidos de estar violando a soberania da Síria, o que é inaceitável no sistema internacional. O trabalho também aborda a ascensão de um movimento organizado da população, o Estado Islâmico, que utiliza a violência radical para expandir suas ideologias e que hoje é um agente que vem dificultando uma possível solução para o conflito.

Palavras-chaves: Conflito na Síria, enfrentamento Estados Unidos-Rússia, nova Guerra Fria.

## **ABSTRACT**

This research aims to analyze the conflict in Syria, dealing with the complexity of the conflict. Approaching the interests of the various agents that are involved, in view of the importance that everyone has to solve the conflict. However, focusing on the two States more than important for a conflict's solution: US and Russia, which are indispensable for the conflict's end, because behind this conflict there is a battle of those power's interests, which can characterize one new Cold War. From the beginning of the Syrian population insurgency against the Syrian government, US realized an opportunity to finally get influence in Syria, having in mind that Russia has always been present there, and so expand its power in Middle East. Russia still supporting the Assad's regime that for many years has been cooperating with it, taking in the consideration the commercial importance of this cooperation. Russia also seeks to regain prestige and more influence in the Middle East, in view that US has been increasing their influence in the region on the last years, and Syria is a key territory for this. Russia charges the US of being violating the sovereignty of Syria, and this is unacceptable in the international system. The research also approach the rise of an organized movement of population that uses radical violence to expand his thoughts, the Islamic State, which is now an agent who come to disturbing a possible solution to the conflict.

Keywords: Conflict in Syria, confrontation of US-Russia, new Cold War.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
<b>1.TEORIAS DE RI E O CONFLITO DA SÍRIA.....</b>	<b>3</b>
1.1 Teorias centrais das Relações Internacionais.....	3
1.2 O neorrealismo e o conflito da Síria.....	6
1.3 Wagner e o conflito da Síria.....	9
<b>2. INTERVENÇÕES DAS SUPERPOTÊNCIAS NA GUERRA FRIA.....</b>	<b>17</b>
2.1 Casos de intervenções militares.....	18
2.2 Intervenções no Oriente Médio.....	23
2.3 Relação das superpotências com a Síria.....	27
<b>3.O ESTADO ATUAL DO CONFLITO NA SÍRIA.....</b>	<b>31</b>
3.1 Oriente Médio e o Pós 11 de setembro.....	31
3.2 Origem do conflito na Síria.....	32
3.3 Ascensão do Estado Islâmico.....	33
3.4 Enfrentamento Rússia-EUA no conflito da Síria.....	36
CONCLUSÃO.....	49
REFERÊNCIAS.....	52
ANEXO A.....	55
ANEXO B.....	56
ANEXO C.....	57

## INTRODUÇÃO

O sistema internacional passa por um momento de instabilidade, no qual muitos consideram que os Estados Unidos estão em declínio e que outras potências podem estar emergindo, como a China. E com os constantes conflitos civis que tomam proporções transnacionais, esse questionamento sobre o comportamento dos Estados Unidos em relação ao sistema se tornam cada vez mais presentes. Mesmo com o sistema atual mais complexo do que o sistema bipolar da Guerra Fria, algumas situações vêm ocorrendo e levantando a questão: se atualmente ainda não existem vestígios do sistema bipolar no sistema atual em alguns casos específicos.

Visa-se por meio dessa monografia analisar o conflito civil da Síria como nova arena de disputa de hegemonia entre EUA e Rússia. Entendendo o conflito da Síria atualmente, considerando a internacionalização de um conflito civil que no momento abrange interesses de grandes potências mundiais, podendo assim notar possíveis semelhanças com os acontecimentos da Guerra Fria. Tendo em vista responder o questionamento de se os Estados Unidos e a Rússia estão “utilizando” de outro território que não os seus para se enfrentarem indiretamente assim como no período da Guerra Fria, e posteriormente se o sistema vive uma nova Guerra Fria.

A Guerra na Síria começou com uma revolta da população contra o seu governo, o acusando de beneficiar a minoria do país através de um governo ditatorial, envolvendo também a questão do sectarismo religioso do país. Com o surgimento da oportunidade de influenciar em um país de extrema importância na região do Oriente Médio, Estados Unidos e Rússia perceberam que deveriam utilizar de suas ferramentas para influenciar no conflito para assim atingirem seus respectivos interesses. Logo se tornou um conflito transnacional envolvendo diversos agentes internacionais do sistema.

O conflito vem afetando toda a sociedade mundial. O número de mortos no conflito já ultrapassa os 320.000, e o número de refugiados já é mais de 12 milhões de pessoas. Desses refugiados, três milhões estão vivendo nos países vizinhos: Turquia, Líbano, Jordânia e Iraque. É um conflito que tomou proporções mundiais e se tornou de interesse de toda a humanidade que pode acabar sofrendo consequências ruins advindas

de um conflito que nem sequer está em seu continente. O que torna de suma importância um aumento de estudos realizados sobre esse caso.

Nos últimos meses pode-se notar uma maior ação de todos os agentes internacionais envolvidos no conflito, tendo em vista a ascensão do grupo terrorista Estado Islâmico que transformou uma guerra que já era complexa por envolver interesses de grandes potências. O grupo terrorista utilizando da mídia para divulgar as atrocidades que realizam com pessoas que discordam de seus pensamentos, fizeram com que os agentes envolvidos mudassem o foco da solução do combate entre governo e população para a tentativa de acabar com esse grupo terrorista que está violando os direitos humanos e causando um maior caos no país.

O objetivo geral do presente estudo será entender melhor o conflito da Síria e descobrir se existem semelhanças, nas ações da Rússia e dos Estados Unidos, com o período de Guerra Fria. Tendo em vista que a percepção de alguns padrões da disputa hegemônica do cenário internacional, pode contribuir com os estudos dos analistas acerca do tema e auxiliar em possíveis soluções para o conflito. Para isso a monografia foi dividida em três capítulos, o primeiro que aborda as teorias que foram utilizadas para entender o conflito, assim embasando a forma dos argumentos acerca do assunto. O segundo capítulo que analisa o sistema bipolar da Guerra Fria e a utilização de Estados menores pelas duas potências para alcançarem seus interesses. E o último capítulo que aborda o conflito da Síria, a forma como ele vem se desenvolvendo, seus atores, e principalmente, a ação dos Estados Unidos e da Rússia utilizando de discursos característicos da Guerra Fria.

## **Capítulo 1: Teorias de RI e o conflito da Síria**

O sistema internacional vem sendo estudado desde a paz de *Westfália* quando surgiu a ideia de Estado-nação reconhecendo a soberania dos estados, e ganhou mais força com o fim da Segunda Guerra Mundial. Porém uma grande revisão do estudo das relações internacionais se faz necessária após o fim da Guerra Fria e uma possível onda de mudanças comportamentais dos atores internacionais influenciando o novo sistema internacional. Logo as teorias tidas como clássicas das Relações Internacionais começam a ser questionadas pelos autores contemporâneos.

O primeiro capítulo aborda justamente algumas teorias das Relações Internacionais, entre elas, duas que serão de extrema importância para o estudo desse artigo. Na primeira parte está sendo abordada a questão das principais teorias do campo e suas diferenças, depois como o neorealismo se faz necessário no estudo desse caso e a última parte trata do estudo de um autor contemporâneo, Harrison Wagner, e como seus pensamentos afetam o caso estudado.

### **1.1 Teorias centrais das Relações Internacionais**

O campo das Relações Internacionais possui duas teorias que são tidas como clássicas e a base para o estudo das relações internacionais, são elas: Realismo e Liberalismo. Essas duas teorias foram as primeiras a surgir no campo das Relações Internacionais e influenciar no modo de se entender o sistema internacional, essas teorias são entendidas como a base de todo o campo das Relações Internacionais, justamente, porque foi a partir delas que outras teorias surgiram, utilizando dessas bases clássicas, mas aprimorando alguns pensamentos para se adequarem ao sistema internacional atual.

O realismo aborda o sistema internacional como um sistema onde os Estados são os atores centrais, ou melhor, as grandes potências são os principais atores. Um sistema

em que não existe uma instituição ou força superior para poder organizar o sistema, o realismo considera que é um sistema anárquico, onde as grandes potências tomam suas atitudes de acordo com seus respectivos interesses para seu ganho de poder. Um conceito chave utilizado pelo realismo é o equilíbrio de poder, que consiste em uma divisão de poder que existe no mundo anárquico entre as grandes potências e quando bem dividido e balanceado é alcançado um equilíbrio, que por muitos é considerado um momento que não haverá conflito direto.

No cenário anárquico dos realistas, os Estados estão sempre desconfiados uns dos outros, principalmente quanto à questão militar, em que as grandes potências estão sempre procurando aumentar o seu poder militar. As grandes potências não sabem até que ponto podem confiar em outra potência, sabendo que ela tem a mesma estratégia para sobreviver ao sistema anárquico, que é através do poder. Tornar-se um *hegemon* regional é uma garantia que eles têm de segurança, porque a dependência em relação aos outros Estados seria menor e com isso seu poder de barganha seria maior.

Morgenthau (1948), um realista clássico, nos diz:

O realismo parte do princípio de que seu conceito chave de interesse definido como poder constitui uma categoria objetiva que é universalmente válida, mas não outorga a esse conceito um significado fixo e permanente. A noção de interesse faz parte realmente da essência da política, motivo por que não se vê afetada pelas circunstâncias de tempo e lugar. (MORGENTHAU, 1948, p.6)

O realismo clássico defende a teoria de que assim como os seres humanos, os Estados têm um instinto de desejar sempre mais poder, um fato que eles não podem controlar. Esse instinto faz com que os Estados estejam sempre procurando competir com os demais Estados para adquirir mais poder e assim garantir sua soberania e hegemonia no sistema internacional.

A segunda grande vertente que guia Relações Internacionais e que se contrapõe a realista é a liberal, que apesar de entender o sistema internacional também como anárquico diz que o esse sistema pode favorecer a cooperação e interdependência entre os Estados, e que a guerra seria algo desfavorável ao desenvolvimento de vários Estados. Ou seja, para sobreviver ao sistema anárquico a paz deveria ser mantida através de

cooperações visando os interesses de todos, os Estados deveriam agir de acordo com interesses comuns.

Os liberais consideram outros atores e ferramentas importantes nas relações internacionais que podem ajudar na regulação dos conflitos, por exemplo, o direito internacional e as instituições não estatais. Ajudando os Estados a cooperarem entre e si e alcançarem o desenvolvimento de forma conjunta. Não percebem que o sistema anárquico impõe que os Estados busquem mais poder visando seus interesses próprios.

A teoria liberal é uma teoria mais voltada para importância das questões econômicas das relações internacionais, tendo em vista que se não houver cooperação em um mundo cada vez mais interdependente não haverá um bom fluxo comercial no mundo. Cenário globalizado, que segundo Keohane e Nye em sua obra: “Power and interdependence (1977)”, acarreta em uma menor necessidade do uso da força militar por parte dos atores internacionais para relacionarem-se. Existindo um bom comércio internacional os países conseguindo se desenvolver em cooperação não haveria necessidade de conflitos.

Essas duas teorias eram soberanas nas teorias das Relações Internacionais, até o final da Guerra Fria. No período da Guerra Fria a teoria realista tinha bastante força porque o seu termo equilíbrio de poder explicava o sistema bipolar de maneira clara. Porém com o fim da Guerra Fria e a era da globalização essas teorias clássicas passaram a ser questionadas, porque ambas as vertentes são extremistas em suas ideologias e com o surgimento de novas situações no sistema internacional, e não conseguiram abordar a nova estrutura do sistema internacional.

Como se pode notar no artigo de Monica Herz (1997):

...além do fim da Guerra Fria e do conflito entre dois sistemas socioeconômicos distintos, cabe citar a reflexão pública sobre o fenômeno da globalização e o contato com o fluxo transnacional de bens materiais, culturais, financeiros, de epidemias etc.; a permanência de conflitos violentos a despeito das promessas liberais; os problemas vinculados à distribuição de recursos; o descongelamento das estruturas centrais do sistema ONU; os conflitos étnicos e nacionais; a constatação de que problemas tais como narcotráfico, terrorismo, desequilíbrio ecológico, desenvolvimento econômico, migrações e controle de armamentos só podem ser tratados em contextos multilaterais; o papel das Organizações Não-Governamentais; e os processos de integração regional.

Logo novas teorias começam a surgir nos anos 1970, advindas das principais vertentes das Relações Internacionais, levando em consideração as questões da nova estrutura do sistema internacional.

Foi o início de uma nova era, de um novo debate nas Relações Internacionais, o debate entre o neorrealismo e o neoliberalismo, inspirados nas suas vertentes clássicas, mas tentando enxergar o novo sistema.

## **1.2 O neorrealismo e o conflito da Síria**

O neorrealismo possui como principal fonte a teoria Realista, tal teoria diz que os Estados estão sempre à procura do poder, através da Guerra, causada por um “instinto” natural dos seres humanos. Porém os neorrealistas se diferenciam dos realistas clássicos, principalmente, por pensarem que essa “vontade” de dominação não é algo do instinto, mas algo causado por externalidades do sistema internacional.

Waltz (1979), que é considerado o ponto inicial do neorrealismo, diz que as potências têm como principal objetivo a sua própria sobrevivência, e o melhor meio de garantir essa sobrevivência seria a detenção de poder. O cenário anárquico internacional obriga que as potências estejam sempre preocupadas com o balanço de poder para garantir sua própria segurança, de forma defensiva.

Mearsheimer considerado como outro grande pensador do neorrealismo traz uma ideia, na qual o sistema anárquico faz com que as potências tomem posições ofensivas em relação às outras potências, disputando então o poder com outros Estados. Acredita que esse sistema força as potências a maximizar seu poder relativo fazendo com que elas tenham sua segurança maximizada. A sobrevivência exige um comportamento agressivo, segundo ele. Como diz nesse trecho:

*Apprehensive about the ultimate intentions of other states, and aware that they operate in a self-help system, states quickly understand that the best way to ensure their survival is to be the most powerful state in the system.*  
(MEARSHEIMER, 2001, p.73)

Em sua análise, Mearsheimer (2001) cita cinco pressupostos para que se entenda a sua forma de pensar sobre o sistema internacional em que os Estados estão em constante busca de poder, de forma agressiva. São eles:

1º- O mundo não tem um governo, o sistema internacional é anárquico.

2º- Toda grande potência tem capacidade militar ofensiva, ou seja, toda potência é capaz de usar da força contra outros Estados.

3º- Nenhum Estado pode ter certeza das pretensões dos outros Estados.

4º- O objetivo básico de todo Estado é sobreviver, mantendo a integridade de seu território e autonomia política.

5º- As potências são atores racionais.

Mearsheimer deixa claro que o principal objetivo de uma grande potência na nova estrutura do sistema pós-Guerra Fria é alcançar a hegemonia, para garantir sua própria segurança. Porém se tornar o completo *hegemon* é algo que ele acredita ser muito difícil de alcançar devido a distância e divisão pelas águas dos continentes, possibilitando somente uma hegemonia regional.

Entende-se que esse sistema analisado como anárquico e que as potências estão sempre em busca de alcançarem mais poder, é classificado de acordo com o modo que o poder está distribuído entre os agentes. O sistema pode ser multipolar ou bipolar, segundo o neorrealismo, multipolar quando vários Estados possuem certo poder no sistema internacional, e bipolar quando somente duas potências detêm o poder no sistema.

Mearsheimer (2001) diz que:

*As discussed in Chapter 8, power in the international system is usually arranged in three different ways: bipolarity, balanced multipolarity, and unbalanced multipolarity. Thus, to explore the effect of the distribution of power on the likelihood of war, we need to know whether the system is bipolar or multipolar, and if it is multipolar, whether or not there is a potential hegemon among the great powers. The core of my argument is that bipolar systems tend to be the most peaceful, and unbalanced multipolar systems are the most prone to deadly conflict. Balanced multipolar systems fall somewhere in between. (MEARSHEIMER, 2001)*

Para os neorrealistas a probabilidade de ocorrer uma guerra no sistema está inteiramente ligada com a forma em que o poder está distribuído, entendendo que em um sistema bipolar a probabilidade de Guerra é menor, porque somente duas potências detêm um grande poder no sistema, e que esse poder é comparável, logo os dois preferem não se enfrentar. Já o sistema multipolar com uma hegemonia em potencial é o que mais tende a Guerra, devido a possível superioridade hegemônica de um Estado em relação aos demais.

O neorrealismo embora considere as superpotências como os principais atores do sistema internacional, passa levar em consideração as novas situações e novos “atores” do novo sistema, fato esse que era descartado na teoria realista clássica, onde os agentes que não fossem os Estados eram descartáveis nas relações internacionais. Mas vale lembrar que mesmo assim o neorrealismo não acredita que esses outros agentes, como as instituições internacionais possam ajudar na cooperação internacional para diminuir os efeitos da anarquia. A crença é de que essas instituições podem ser instrumentos valiosos na mão dos Estados.

O neorrealismo até mesmo entende que existe a possibilidade de cooperação entre os Estados, porém o que faz com que a cooperação seja difícil de ocorrer é o fato de que o Estado está sempre desconfiado da traição do outro Estado, já que ele tem a intenção do ganho absoluto e não do ganho relativo. O jogo de soma zero (ganho absoluto) é um pensamento que diz que como os Estados estão na constante busca de poder para garantirem sua segurança, eles têm um pensamento de que o ganho de poder de um Estado significa a perda de poder de outro Estado. Ou seja, os Estados cooperam, mas a falta de confiança faz com que muitas vezes seja difícil para um Estado cooperar. Esse trecho do texto de Mearsheimer mostra isso:

*The third assumption is that states can never be certain about other states' intentions. Specifically, no state can be sure that another state will not use its offensive military capability to attack the first state. This is not to say that states necessarily have hostile intentions. Indeed, all of the states in the system may be reliably benign, but it is impossible to be sure of that judgment because intentions are impossible to divine with 100 percent certainty. (MEARSHEIMER, 2001, P. 68)*

Embora o neorealismo trate de diversos aspectos anteriormente ignorados por sua teoria “mãe”, o realismo, e que são de extrema importância no período pós-Guerra Fria e em um período de globalização, a nova teoria deixa de abordar a importância da questão doméstica e sua influência no cenário internacional. Mearsheimer assume que o neorealismo tem suas falhas e admite a não importância dada pelos autores em relação à política doméstica dos Estados:

*Structural factors such as anarchy and the distribution of power, I argue, are what matter most for explaining international politics. The theory pays little attention to individuals or domestic political considerations such as ideology. It tends to treat states like black boxes or billiard balls.* (MEARSHEIMER, 2001, p. 41)

A política doméstica é um tema que faz parte das relações internacionais do novo sistema, está em ascensão nos estudos dos cientistas da área, porém ainda têm muito a ser desvendado acerca de sua importância para o sistema. Alguns autores já entendem a necessidade de dar prioridade para essa área das políticas internacionais. Questão essa que o autor contemporâneo R. Harrison Wagner faz questão de considerar em seu estudo sobre as teorias das Relações Internacionais, analisando o Estado e a Guerra. Um estudo que procura os defeitos das principais teorias, tentando mostrar que existem diversos fatores ainda não abordados por essas teorias, que podem gerar a violência.

### **1.3 Wagner (2007) e o conflito da Síria**

Wagner (2007) nota a influência que os acontecimentos internos do Estado podem ter em sua política externa e até mesmo em Guerras, o que é muito importante para esse estudo, em que um grupo doméstico começa a ganhar proporções gigantescas no conflito e a influenciar as decisões tomadas pelos Estados do sistema internacional em relação a eles.

Em seu livro, Wagner (2007), inicia seu pensamento expondo as falhas por ele percebidas no estudo das relações internacionais e entre as análises das teorias das

relações internacionais que ele faz, está o realismo e o neorealismo. E logo de início ele aborda o realismo ofensivo de Mearsheimer.

Wagner (2007) analisa as cinco premissas utilizadas por Mearsheimer para dizer que os Estados estão agindo de forma agressiva, e afirma que as premissas são lógicas, porém, diz que ele não pode demonstrar que sua conclusão segue essas premissas. Ele não vê uma conexão da conclusão de Mearsheimer com os pressupostos. Cita por exemplo:

*One possibility that is consistent with what he says is the following statement: **Conclusion 1 (Mearsheimer?)** Two states may go to war with each other even though they both want only to survive. But, while we may be able to think of circumstances in which this statement would be true, it does not follow from these premises. (WAGNER, 2007, p.14)*

Wagner (2007) diz que o leitor na maioria das vezes é impressionado pelas verdades óbvias dos pressupostos de Mearsheimer, e não leva em consideração a falta de precisão do mesmo em fazer a conexão da conclusão com os pressupostos. Wagner (2007) diz que isso explica como o realismo vem sendo a teoria dominante no estudo das relações internacionais, utilizando de fortes conclusões sobre o sistema internacional, infundadas, porém que são difíceis de negar.

*This is the key to explaining the dominant role that Realism has played in the study of international politics: it claims to derive strong conclusions about the behavior of states from properties of international politics that are difficult to deny. But the claim is unjustified, not just in Mearsheimer's case but in others as well. (WAGNER, 2007, p. 15)*

Outra situação que ele cita é que os neorealistas concordam entre si, que a guerra pode ocorrer a qualquer momento em um sistema anárquico em que os Estados estão procurando atingir os seus interesses e adquirir poder, e não há nenhuma agência para impedir que eles usem a força. Porém essa conclusão só será realmente verdadeira se um Estado quiser usar a força, e esse é um pressuposto que não se pode dizer por que se um Estado tem um bom comércio, uma boa democracia, a economia vai bem, ele pode não ter a necessidade de usar a força.

Wagner (2007) fala do dilema da segurança que faz parte do sistema internacional contemporâneo em que os Estados não sabem o momento em que podem confiar em outro Estado, e que faz parte dessa discussão ofensiva ou defensiva, tendo em vista que a potência pode preferir atacar antes para garantir uma maximização de poder, ou então o Estado fica na defensiva e ataca o outro por medo dele estar se militarizando para um possível ataque. Wagner (2007) utiliza também do dilema do prisioneiro utilizado por Jervis para argumentar sobre o dilema de segurança.

*These early attempts to use game theory as a way of thinking about the security dilemma were hampered by the fact that, at the time, game theory provided no way of thinking about one of the defining features of the security dilemma, the uncertainty of states about other states' preferences. Moreover, equilibrium outcomes in matrix representations of games implied implausible predictions when one looked at the actual sequence of choices represented by a game tree. (WAGNER, 2007, p. 33)*

O autor conclui que o dilema da segurança do sistema internacional, pode ser exemplificado com o dilema do prisioneiro em que os prisioneiros também estão em um jogo de não saber qual será a escolha do outro e se ele deve cooperar com essa decisão ou não, porque existem várias opções de escolhas.

O Sistema internacional anárquico explica a Guerra, porém dentro dos Estados onde existe um governo soberano ocorrem guerras civis, Wagner se questiona como os realistas explicam esse fato, e após analisar muitos pensamentos de vários realistas, percebeu que é um tema que não é abordado e nem consegue ser explicado por eles. Como destacado no trecho:

*The end of the cold war has been followed by a period like the one in the nineteenth century described by Waltz, in which the most destructive wars have taken place "not among states but within them." As one might expect from these passages in which Waltz attempted to state the difference between anarchy and hierarchy, structural Realism has been little help in understanding them.(WAGNER, 2007, p. 33)*

É um tema difícil de ser abordado, o autor percebe que existe uma divisão de estudos nesse tema, em que os estudantes de relações internacionais estudam somente as

relações entre os governos, deixando a temática de como a política doméstica afeta esses conflitos, para os estudantes de política doméstica ou política comparativa. Wagner diz que devido a essa divisão na linha de estudo da política a resposta para essas questões são difíceis de serem encontradas.

Utilizando do pensamento de que mesmo com um governo soberano em seu Estado as guerras civis ainda ocorrem, um governo mundial talvez não fosse o suficiente para estabelecer a paz no sistema internacional, ou seja, não tem como especificar muito bem a diferença de um governo (hierarquia) e de uma anarquia no sistema. Wagner cita alguns exemplos:

*Is the European Union a government, and if not, what would suffice to turn it into one? Is there a government in Yemen? Was there a government in Afghanistan under the Taliban? Does an Afghan warlord preside over a government? Does the rebel group in Colombia known as the FARC, which controls a large segment of the territory nominally allocated to the government in Bogotá, constitute a government in the territory that it controls? Was there a government of the United States prior to the U.S. Civil War? How long has there been a government of France, and when did it first appear? The question that structural Realism begs is not even well defined. (WAGNER, 2007, p.36)*

Wagner continua abordando a situação doméstica, que ele diz ser relevante para o estudo das Relações Internacionais, nos capítulos finais ele trata de como um Estado é composto e a influência que vem surgindo de grupos organizados civis nas decisões tomadas por Estados. Ele diz que o Estado é composto por território, população e governo. Cita que um Estado tem que ter a soberania interna e a externa, para ser um Estado totalmente soberano, e se um Estado entra em guerra com outro Estado é algo considerado normal, agora se o Estado entra em guerra com a própria população de seu país é porque o Estado perdeu essa soberania interna.

Essa perda de soberania interna não é causada pelo colapso do Estado, mas sim porque novos grupos organizados surgem para desafiar o Estado, quando o Estado não tem certo controle e organização de sua população, quando a população passa a se organizar para garantir bens públicos que não estão tendo ou para acabar com certa insatisfação em relação aos que estão no comando. Um grupo de indivíduos com identidades bem definidas utilizando da violência para negociar os seus direitos, havendo assim uma violência organizada.

O problema é causado porque muitas vezes a população e o governo não têm os mesmos interesses, ou até mesmo a população entre si entra em desacordo. Wagner diz que não é porque o governo prove um bem público, que vai agradar toda a população, porque a população não pensa de forma igual e nem mesmo tem igualdade econômica.

Uma vez em que o Estado não tem mais controle sobre algum grupo que tenta competir com seu poder, e inicia-se a guerra civil, pode ocorrer à atuação de atores externos tentando intermediar para encontrar uma possível solução para que o conflito tenha um fim. Esse é um fato que tem se tornado cada vez mais comum atualmente com as constantes intervenções mesmo que não oficiais das grandes potências para tentarem resolver problemas internos de Estados tidos como falidos, cujo governo não tem mais controle de sua população. Ou seja, um problema interno de um Estado passa a gerar uma preocupação para todo o sistema internacional, o que nos leva a entender que atualmente a política interna tem sim influência para o sistema internacional. O autor define o Estado como:

*A state is constituted by the contracts that define the organization of a government and its relation to the people it governs and to other governments, and the collection of all such contracts defines the institutional structure of the global order. Force can be used to renegotiate any of them—an attempted coup d'état, for example, can lead to a popular revolt, which can lead in turn to a war with another government. And the barriers to the peaceful negotiation of agreements that define the relations among governments are not fundamentally different from the problems that inhibit the peaceful negotiation of agreements defining the organization of a government or its relation to the people it governs. (WAGNER, 2007, p.237)*

Essa mediação feita por um terceiro ator, que como bem explanado pelo autor pode ser uma instituição, ela é inicialmente realizada através do diálogo, da forma diplomática, utilizando-se de seu poder de barganha. Por exemplo, quando uma superpotência intervém ou uma instituição com grande reconhecimento, em um conflito interno e faz com que as partes realizem acordos sem precisar utilizar da sua força militar somente com uso da sua força.

Existe a possibilidade do conflito não ser resolvido através de mediação, o que pode levar a ocorrer uma intervenção militar, que vem para acabar com o conflito, porque

o terceiro Estado detém muito mais poder militar do que os atores do conflito. Wagner diz:

*Note well that, if such conflicting expectations lead to a military conflict and a third state does intervene, its intervention may lead to an end to the conflict, but only because the intervention reveals information about the third party's own capabilities or preferences. (WAGNER, 2007, p.227)*

Wagner conclui que no sistema internacional atual, as ações políticas não podem mais ser entendidas se não houver o estudo de como os indivíduos se organizam e como a violência passa a ser organizada também influenciando diretamente no sistema internacional.

*Thus we cannot know what sort of political order is possible without understanding organized violence. But to do that we must understand both violence and how people organize themselves to engage in it. Considered separately, each is an extremely complex phenomenon, and together they constitute a very difficult subject of study. (WAGNER, 2007, p. 236)*

Nota-se que Wagner é um autor que trata de assuntos totalmente contemporâneos que fazem parte cada vez mais do dia-dia das relações internacionais. Explorando temas que são de extrema importância para o entendimento do sistema internacional e as ações de seus atores, porém o mesmo conclui que ainda existe muita pouca informação e pesquisa sobre esses novos temas. Entendendo que os pesquisadores das Relações Internacionais precisam explorar muito mais as novas questões do sistema, como por exemplo, a influência de grupos terroristas que podem ser considerados agentes de extrema influência nas relações internacionais nos dias de hoje, grupos esses que nada mais são do que organizações de pessoas no interior dos Estados, ou seja, problemas domésticos, mas que vem causando influência no sistema internacional como todo.

Tanto o pensamento do Wagner quanto o pensamento dos neorealistas, contribuirão para o estudo que será realizado sobre a Guerra da Síria, para entender melhor como os *players* tem se comportado nesse conflito. Ambos os estudos abordam a

guerra como algo que sempre vai ocorrer. Pretende-se descobrir quão influentes as grandes potências são nessa região, coletando dados sobre o poderio militar e econômico dos países do caso, coletando informações sobre a tomada de decisões das potências envolvidas, informações sobre soldados colocados por essas potências na Síria, informação sobre o balanço de poder no Oriente Médio,

O neorrealismo será útil para responder as questões sobre a primeira parte desse estudo que trata sobre a Guerra Fria e seus padrões no conflito da Síria. O neorrealismo explica a Guerra Fria e a bipolaridade em que dois polos possuíam poderes incomparáveis com os demais Estados, através das externalidades do sistema anárquico que influenciaram os EUA e a URSS a competir por poder e influências nas regiões para garantirem sua segurança, e não por instinto como dizia o Realismo Clássico. Pode-se notar essa busca de ambos até hoje na região do Oriente Médio? Região em que a URSS detinha bastante influência e controle na época da Guerra Fria, mas que os EUA como *hegemon* desse momento unipolar pós-Guerra Fria passou a possuir mais territórios influenciados. Essa será a questão que através da teoria neorrealista, o estudo tentará responder.

A teoria neorrealista orienta para que se utilizem dados militares e econômicos das grandes potências que são os principais atores do cenário internacional, e quais seus interesses pessoais naquele território.

O estudo de Wagner sobre a influência de grupos domésticos no sistema internacional será de extrema relevância para a parte final do estudo, que abordara a atual situação do conflito da Síria em que um grupo terrorista (doméstico) passou a ter gigantesca influência no conflito e vem piorando a situação do conflito. Tendo em vista também que com o califado do Estado Islâmico, a organização terrorista passou a possuir muitas características de um Estado, como organização política e jurídica, sua própria econômica e até mesmo se consideram soberanos.

O conflito na Síria passou a ser uma situação do novo sistema internacional, em que novos atores (grupos organizados domesticamente) começam a ser entendidos como participantes das relações internacionais. As organizações da população doméstica passaram a influenciar não só o seu Estado, tomando proporções gigantescas e começando a ter grande relevância para todo o sistema. O caso da Síria a população não satisfeita com o governo, e não tendo os mesmos interesses se organizou e passou a confronta-lo,

porém, esse grupo começou a divergir entre eles mesmos e certo grupo passou a ter interesses diferentes que vêm influenciando o desfecho da Guerra Civil na Síria e vêm causando bastante influência em todo o mundo.

Conclui-se que o neorrealismo nos ajuda a entender o relacionamento entre os Estados e o jogo de poder que existe entre o sistema internacional, que seria a parte inicial do estudo, no enfrentamento EUA-Rússia porém como a teoria não leva em conta forças domésticas e sua influência no sistema internacional se torna necessário utilizar também as considerações de Wagner que se fazem mais condizentes com o atual meio que se encontra o conflito que tem participação de um agente doméstico (Estado Islâmico), que possui algumas características de um Estado soberano, porém ainda é considerado como um ator coadjuvante no conflito.

## **Capítulo 2 – Intervenções das superpotências na Guerra Fria**

Esse capítulo aborda uma fase de grande importância para as relações internacionais, que foi a Guerra Fria, investigando os principais acontecimentos e suas influências deixadas para o futuro do sistema internacional, especialmente para o caso da Síria e o Oriente Médio. Estará dividido em seções que se diferenciam pelas localidades abordadas, iniciando com uma introdução mais geral da Guerra Fria, depois abordando as intervenções militares mais significativas, a terceira parte abordará as intervenções não só militares no Oriente Médio e por último irá discorrer sobre a relação das superpotências com a Síria.

A Guerra Fria é um grande marco para os estudos das relações internacionais, porque durante o período surgiu um cenário internacional nunca visto antes, em que o mundo se viu dividido entre apenas duas potências que “controlavam” o cenário internacional. Utilizando o conceito “equilíbrio de poder” para se referir a esse período, a maioria dos autores que discorrem sobre tal assunto concordam que havia uma clara disputa por poder entre a União Soviética e os Estados Unidos, gerando uma situação em que nenhum poderia deter um poder diferenciado para não acarretar em uma hegemonia global. O poder do sistema estava concentrado na mão de somente duas potências. Junior F. ( 1995) abrange essa questão, como no trecho a seguir:

A primeira característica do bipolarismo, como o próprio conceito indica, é o fato de que, no plano internacional, existem dois países - a URSS e os EUA - que tem condições de poder nitidamente superiores à dos demais atores. O que lhes dá essa vantagem? Um outro ramo intrincado da teoria das relações internacionais é o das medidas de poder. Não obstante, durante a Guerra Fria, as bases do poder pareciam claras. O que os EUA e a URSS

tinham, diferentemente dos demais, era uma enorme capacidade de destruição dada pelos arsenais nucleares. (*JUNIOR, F., 1995, p.130*)

O cenário internacional se encontrava dividido entre as duas potências e suas ideologias que coordenavam suas ações no sistema. Os demais Estados não tinham poder econômico, militar, tecnológico, estratégias de guerra como as duas grandes potências o que fazia com que as duas potências não temessem a ninguém no sistema e com que os outros Estados temessem a elas. Então a rivalidade entre as duas potências tinha várias dimensões, não somente a militar. Como destacado nessa outra fala de Junior F. (1995):

Em sua forma visível, a rivalidade é estratégico-militar e se manifesta na corrida armamentista. EUA e URSS buscam permanentemente aumentar a quantidade e a sofisticação tecnológica (maior alcance, mais precisão) das armas nucleares de que dispõem. É também ideológica na medida em que ambos procuram influenciar os Estados e aderir a seus credos ideológicos. Neste sentido, lutam por influência nacional e regional e, quando há crises localizadas emprestam o seu poder para que o lado “simpático” vença (de uma certa maneira, muitas disputas, mesmo nacionais, entre partidos socialistas e liberais, acabam contaminadas pelo conflito ideológico maior). (*JUNIOR, F., 1995, p.131*)

Como pode-se perceber nos trechos destacados anteriormente, as duas superpotências utilizavam dos Estados do terceiro mundo para ampliar suas zonas de influência de forma que não houvesse confronto direto entre EUA-URSS. Ou seja, utilizavam de outros territórios para expandir seu poder, e para se enfrentarem de forma indireta, utilizando de “mandatários” que assumissem seus interesses.

Ao longo do período padrões nas atuações das potências puderam ser identificados devido a esse cenário que o sistema se encontrava. Atuações estas para expandir suas zonas de influências para os Estados “menores”, espalhando suas respectivas ideologias e atingindo seus interesses utilizando de conflitos internos de Estados menores.

## 2.1. Casos de intervenções militares

Essas tentativas de influências se deram de diversas formas, entre elas, está a intervenção militar que seria a mais radical, e pode ser notada em diversos momentos e regiões durante o período da Guerra Fria. Segundo a autora Mavrodin (2010), essa disputa por soberania fazia com que as potências buscassem cada vez mais influenciar nos países menores, e como os países menores não tinham opção de aceitar ou não, acabavam sofrendo essa influência. Muitas vezes se deu através de intervenções militares nos países, violando os princípios de não intervenção da época. Com a agenda internacional reformulada e com foco voltado para o meio ambiente e para as crises humanitárias se faziam necessárias às justificativas de intervenções para o resto do sistema internacional, porém elas continuavam a ocorrer.

A autora utiliza de quatro exemplos em seu artigo:

- A intervenção soviética na revolução da Hungria (1956)
- A intervenção dos Estados Unidos na República Dominicana (1965)
- A intervenção soviética na Tchecoslováquia (1968)
- A intervenção americana em Granada (1983).

Segundo Mavrodin (2010), a intervenção soviética na Hungria ocorreu na época em que estava acontecendo a revolução da população contra o governo comunista. A URSS utilizou da justificativa de que os Estados Unidos estavam violando a soberania da Hungria, alegando que os EUA estavam financiando as atividades e campanhas para derrubar o governo comunista.

Outro caso é o da República Dominicana, que era governada pelos militares, porém tinha uma oposição de esquerda forte tentando reestabelecer uma constituição dominicana, e retirar o governo dos militares e voltar com o ex-presidente Juan Bosch, eleito democraticamente antes da junta militar tomar o poder. Os Estados Unidos utilizaram da justificativa de que tinham que proteger e resgatar os cidadãos norte-americanos que viviam no país. Também utilizaram da justificativa que foram convidados

pelas autoridades da própria República Dominicana. Justificativa essa que caiu em desuso depois de algumas investigações.

Em 1968 ocorreu a Primavera de Praga, um movimento intenso a favor da reforma democrática no país, que seria realizada pelo próprio partido comunista da Tchecoslováquia que tinha o pensamento comunista um pouco divergente da URSS. Logo a URSS percebeu a necessidade de intervir no local para não ocorrer a reforma com ideologias norte americanas, a URSS justificou sua intervenção para ONU como um pedido feito pelo governo da Tchecoslováquia aos seus aliados.

A intervenção dos EUA em Granada ocorreu após o presidente de Granada ser fuzilado por membros do governo, porém de diretrizes comunistas. Em seu discurso o governo americano utilizou da mesma justificativa do caso da República Dominicana em que via a necessidade de proteger seus cidadãos e que a pedido do próprio governo de Granada se fazia necessária a presença dos EUA para organizar o governo que não estava legitimado. Depois que investigaram e a justificativa dos EUA caíram perante o sistema internacional, eles passaram a utilizar da justificativa que ocorria uma tirania em Granada, justificativa essa claramente ideológica.

Concluindo que nos quatro casos existem semelhanças claras, como: Apesar de sempre violarem os princípios de não intervenção do período, nos quatro casos houve a tentativa de racionalizar as intervenções para os atores internacionais através de discursos afirmando que haviam sido as autoridades locais que clamaram por ajuda das potências nas diferentes situações. Utilizaram também o discurso de autodefesa, os Estados Unidos focando mais na questão de sua população estar ameaçada no território em conflito, mas ambos estavam utilizando da autodefesa ideológica com medo de que, a ideologia contrária à sua, “dominasse” aquele território.

Segundo Mavrodin (2010):

*Será precisamente durante la Guerra Fría cuando cada superpotencia aplicará lo que Krasner define como “ la imposición” de su influencia mediante la forma más extrema de coacción, no dejando al estado más débil otra opción que la de obedecer y someterse a la intervención. Considerando este contexto, la premisa de este estudio es que se pueden sacar conclusiones valiosas e instructivas de un análisis comparativo sobre la manera en que las incursiones militares de las superpotencias ( la expresión más radical de la defensa del interes próprio) encajan dentro de los parámetros de las normas*

*establecidas de la soberania (ideales universalmente reconocidos).*  
(MAVRODIN, 2010, p. 67)

Ficando claro que no período da Guerra Fria os interesses nacionais dos EUA e da URSS, prevalecem em relação às normas internacionais, deixando os Estados menores, dependentes. Podiam-se identificar no sistema internacional dessa época, as intervenções como padrão de ferramenta que tanto os Estados Unidos como a União Soviética utilizavam para alcançarem seus interesses.

O sistema de “equilíbrio de poder” na Guerra Fria que também é explorado por Silva (2013), porém ele diverge da Mavrodin (2010), pois acha mais importante considerar a abordagem intersistêmica, na qual há o conflito entre dois estados legitimado mais por divergências de normas sociais e políticas. Causando uma disputa de quais valores e ideologias deveriam influenciar na sociedade internacional, e não simplesmente uma disputa de dominação territorial, não uma disputa militar. E traz também que é possível um Estado menor ser autônomo em relação a determinadas áreas de uma das duas potências, como nos casos dos movimentos revolucionários na América Latina e África, nos quais Cuba se opôs a ideia da URSS.

Silva (2013), disserta que a Crise dos Mísseis foi um grande marco para gerar essa dicotomia: dependência e autonomia relativa. A União Soviética instalou os mísseis em Cuba com autorização, porém na discussão para o final da crise, ignorou os interesses cubanos e discutiu seus próprios interesses com os EUA, fato que gerou extrema desconfiança de Cuba na sua relação com a URSS. Ou seja, no plano internacional Cuba passou a demonstrar certa autonomia em relação ao pensamento socialista da URSS, o autor ressalta que Cuba tinha uma política externa de potência, utilizando de seus interesses próprios para galgar suas políticas. Um caso de extrema repercussão foi Cuba ter se alinhado ao bloco dos países não-alinhados durante a Guerra Fria o que deteriorou as relações. Como afirma o autor no seguinte trecho:

No entanto, foi na Crise dos Mísseis, em outubro de 1962, que se delineou a dicotomia dependência e autonomia relativa. Depois da sugestão de N. Kruschev de instalação de missões nucleares em Cuba, prontamente aceita pela liderança cubana, e do desenvolvimento logístico que permitiu o transporte e instalação parcial em segredo, a descoberta americana e a crise

que emergiu colocaram o mundo a beira da hecatombe nuclear, como em nenhum outro momento da Guerra Fria. Na crise, as negociações foram conduzidas exclusivamente pelos líderes das duas superpotências e o acordo resultante, apesar de contemplar parcialmente os interesses cubanos demonstrariam para estes que a URSS não colocaria em risco seus interesses em certas situações. (SILVA, 2013, p.112)

O caso de Cuba pode ser entendido como uma situação extrema desse abuso das duas superpotências no sistema internacional, agindo de acordo com seus interesses sem levar em conta o que os demais Estados pensam, porque as potências no caso de Cuba, justamente, utilizam de seu território como um campo de batalha onde podem entrar em conflito indiretamente, tomando decisões que levam em conta somente seus interesses, ignorando os de Cuba. O caso é um exemplo claro do neorrealismo, em que as duas superpotências agem de acordo com a disputa do poder que está dividida entre as duas, tentando adquirir mais poder para poder se tornar um *hegemon*, sem se importar com os Estados menores.

Tanto nas questões para seu desenvolvimento interno, como nas questões comerciais Cuba não conseguiu uma autonomia relativa, até mesmo porque Cuba sempre esteve ligada a uma metrópole para comercializar, primeiramente com a Espanha, depois com os EUA e, finalmente, URSS. A questão militar de Cuba também sempre esteve ligada a União Soviética, porque não conseguiria manter seu exército sozinha.

O autor conclui seu pensamento com a ideia de que o fim da guerra fria não significou uma era de paz, pelo contrário, surgiu um novo sistema que o os agentes internacionais não saberiam como seria.

Esse abuso das superpotências pode ser notado também nas falas de Barros (2008) que analisa a Guerra Fria e tenta demonstrar que a única autonomia que os países menores “tinham” era uma autonomia de poder escolher qual potência eles iriam se alinhar, como o caso de Cuba, tendo em vista que os EUA tentaram se impor primeiro em Cuba, depois da vitória contra os espanhóis e conseqüentemente a saída dos mesmos da Ilha, mas a população “escolheu” usar de revoluções para afastar os EUA. A URSS viu a brecha e com pensamentos mais relevantes para Cuba, conseguiu se alinhar a Cuba, dependência que durou por muito tempo. Dependência econômica, ideológica e militar. Pode-se notar no trecho a seguir:

... Dois dias mais tarde, as empresas e propriedades norte-americanas foram nacionalizadas. No dia 8.6.61 a URSS “resolve” o problema da exportação do açúcar, comprometendo-se a comprar o produto cubano. Azedando ainda mais o relacionamento EUA-Cuba, a ilha nacionaliza todos os bancos norte-americanos em 17.9.1960. A nacionalização de indústrias, bancos e usinas de cana viria em outubro, e a contrapartida do embargo econômico dos EUA ao país ocorreria ainda no mesmo mês. Para vários autores, a dinâmica do cada vez mais problemático relacionamento político e econômico entre Cuba-EUA foi a causa, e não a consequência da aproximação cubana com a URSS... (BARROS, 2008, p. 110)

Porém a autora foca o texto na questão realista de um equilíbrio de poder no mundo, divergindo de Silva (2013), que foca na autonomia relativa das não potências. Trata por exemplo dos EUA estarem perdendo sua hegemonia na América Latina quando a URSS passou a ter presença forte em Cuba, visando um território próximo para um possível conflito bélico. O medo também que o comunismo se alastrasse na América Latina, tirando a possível hegemonia dos EUA nas Américas.

A autora aborda esse “medo” americano em um caso específico que foi o episódio da Baía dos Porcos, que normalmente passa despercebido, tendo em vista que a Crise dos Mísseis é considerado o fato principal da Guerra Fria. A invasão à Baía dos Porcos foi uma decisão tomada pelo governo norte-americano, em 1961, galgado pela vontade do presidente Kennedy mostrar claramente uma contenção ao comunismo que vinha aparecendo na Ilha de Cuba, e continuar com as relações dos Estados Unidos com o resto da América democrática. A tentativa de invasão foi arquitetada pelos agentes da CIA, mas acabou sendo um dos maiores fracassos americanos na Guerra Fria. O que acarretou no mais intenso alinhamento de Cuba com a URSS.

Ainda assim, a ação comprometeu a imagem que Kennedy buscava passar para a opinião pública mundial, de um defensor e guardião de elevados princípios morais e políticos, além de manchar, ainda mais, a imagem dos EUA perante a América Latina. Em Cuba, a intervenção fez de Fidel Castro uma figura de crescente popularidade, e funcionou por projetá-lo de vez para a órbita da União Soviética, demonstrada com sua declaração, em dezembro de 1961, da adoção da doutrina marxista-leninista. (BARROS, 2008, P. 121)

O enfrentamento entre os EUA e a URSS pode ser notado nos diversos artigos analisados, levando a concluir que as duas superpotências agem sempre se baseando no interesse de manter o status de superpotência, porém utilizando de outro território. Ou seja, os países que não eram potências eram vistos somente como uma arena para o combate entre as duas superpotências. Para não utilizarem de seus próprios territórios, e não entrarem em conflito direto para não causar um prejuízo muito grande para elas mesmas, as superpotências utilizavam de outros territórios.

## **2.2. Intervenções no Oriente Médio**

É importante ressaltar que essas influências ou intervenções não ocorreram só na América Latina e na África, mas também ocorreram no Oriente Médio. Relação essa que já faz parte do histórico desses países há séculos, e vinha em ascendência no cenário internacional devido a sua importância no setor petrolífero desde o início do século XX, e geoestratégica. Na região ocorreram, além das formas diretas de intervenção, formas indiretas, tais como: econômicas, políticas e ideológicas.

As superpotências utilizavam de suas variadas formas de superioridade para influenciar nas políticas dos outros Estados. Utilizavam de investimentos financeiros nos respectivos grupos que tivessem cunho ideológico similar aos deles, auxiliando assim na expansão de suas tecnologias e zonas de influência.

O interesse da União Soviética na região do Oriente Médio surge há mais de séculos, quando as regiões tinham outros nomes: Império Russo e Império Turco-Otomano. O Império Russo começou a travar um conflito com o Império Turco-Otomano para derrubar o Império e assim anexar a região de extrema importância geoestratégica e de recursos ao seu Império. Porém não teve sucesso e não conseguiu expandir seu Império, nem conseguiu o tão almejado acesso ao mar mediterrâneo.

Outro momento em que o Oriente Médio foi visado pelas potências foi o pós Primeira Guerra, quando houve a divisão dos territórios que saíram perdedores da Guerra, um desses territórios era o Império Otomano. Assinado em 1920, o tratado de Paz deixou o Império Otomano limitado a Constantinopla e parte de Ásia Menor. Foi criado um Estado autônomo para os Kurdos, vários distritos passaram para a Armênia. Se

reconheceu a separação do Egito, Hedjaz e Yemen; Mosul, Palestina e Transjordania passaram a ser administrados pelos britânicos; Síria, Líbano e Hatay (Alejandreta) a administração francesa. A navegação dos estreitos seria livre e controlada por uma comissão internacional. Ou seja, mais uma vez ocorreu uma divisão de território feita pelas superpotências vencedoras, sem terem feito um estudo sobre as diferenças culturais, étnicas e religiosas existentes na região.

O período da Guerra Fria só aumentou essa obsessão russa, Ulianova (2005), procura chamar a atenção justamente para esse fato de que o Oriente Médio teve sua importância na Guerra Fria e não só a América Latina e a Ásia. A autora ressalta a relevância do Oriente Médio nas ações das superpotências no contexto internacional e até mesmo da relação direta entre as potências e o Oriente Médio. Nota-se isso no trecho seguinte:

*Hay que buscar las razones del protagonismo de la región en la política mundial de la segunda mitad del siglo XX y de comienzos del presente, en primer lugar, en las riquezas petroleras de la zona (65 por ciento de las reservas mundiales), así como en su importancia geoestratégica, al ser puente entre Europa, Asia y África. Por ello, se cumplieron a cabalidad en estos territorios las normas implícitas de comportamiento de las superpotencias. Se priorizó la acción a través de sus aliados locales, cuidando de evitar el enfrentamiento directo de los efectivos militares de ambos bloques, a pesar de su presencia en calidad de "asesores" y afines. (ULIANOVA, 2005, p. 115)*

Uma influência particular da União Soviética que não tem muito destaque em outros artigos, é analisada no artigo de Ulianova (2005), que é a questão da influência ideológica soviética na prática. Utilizando de partidos comunistas em outros territórios para assim conciliar esse Estado com as políticas e ideologias do “Império Soviético”, e assim proliferar o socialismo fazendo com que o capitalismo fosse substituído, isso era entendido como sentido supremo da existência da URSS, para os líderes da época. No mundo árabe essa relação da URSS com os partidos comunistas de cada Estado, é uma relação mais antiga do que a própria relação com o governo.

*Por otro parte, a partir del proyecto teleológico de la Revolución Rusa como redención de la Humanidad, la Unión Soviética veía el sentido supremo de su*

*existencia en la "revolución mundial" y en la "transición de la humanidad del capitalismo al socialismo", proceso que debería ser liderado por los partidos comunistas en todo el mundo y apoyado por la Unión Soviética. A partir de allí, se construían las relaciones con los partidos comunistas extranjeros y se apoyaban sus aspiraciones revolucionarias. (ULIANOVA, 2005, p. 119)*

Nota-se a importância que era dada pela URSS de estar sempre auxiliando os partidos que tinham cunho socialista e estavam localizados em outros países, ajudando de forma direta na expansão de suas ideologias pelo restante do mundo.

Na Guerra Fria houve outros momentos em que ocorreram intervenções das superpotências na região do Oriente Médio foi na “Guerra dos Seis Dias” e na “Guerra do Yom Kippur”. Foram conflitos em 1967 e 1973 de alguns países árabes (Síria, Egito, Jordânia), contra Israel devido à reivindicação de alguns territórios.

Os Estados Unidos estavam apoiando Israel, enquanto a URSS estava do lado de seus parceiros comerciais árabes tradicionais, porém o suporte dado pela URSS era inferior em relação ao suporte concedido pelos Estados Unidos para Israel. Tendo em vista que ao princípio do conflito a URSS tentou evitar o enfrentamento militar, porém com a não possibilidade, acabou concedendo apoio para seus aliados, mas de forma restrita para não suceder em um conflito e também para tentar manter certa relação com Israel. O suporte dado pela URSS esteve muito mais ligado a questão financeira e tecnológica do que militar em si, por exemplo: A concessão de empréstimo de 428 milhões de dólares para a Síria.

Esse descontentamento dos países árabes com as atitudes da URSS é abordado por Izquierdo (2002). Como nota-se no seguinte trecho:

*A si, la URSS primero intento evitar el enfrentamiento militar y, al fracasar, limitó la ayuda dada a los árabes, en comparación con la de Estados Unidos a Israel, lo que redundaría en detrimento de su posición en Oriente Medio, pues los Estados árabes comprendieron que el compromiso estadounidense con Israel era mucho más fuerte que el de los soviéticos con ellos. (IZQUIERDO, 2002, p. 124)*

Embora não tenha tido uma participação militarmente grande por parte da URSS, a participação da diplomacia soviética foi de extrema importância na hora de “desistir do conflito” para uma solução pacífica do conflito, tendo em vista que a URSS já tinha compreendido que os países árabes não conseguiriam vencer o conflito militarmente com Israel. Embora a URSS tenha ajudado a reconstrução dos países árabes após o conflito de 1967, esses ainda tinham uma gama menor para utilizar em combates militares. Como destacado no texto de Maffeo:

*El conflicto bélico fue definitivamente ganado por Israel, y aunque es cierto que el envío de armas por parte de Estados Unidos tuvo una importante influencia en el resultado final, es necesario decir que los israelíes fueron superiores en táctica y estrategia a sus enemigos, además de poseer tropas mucho más entrenadas, y hasta con más adaptabilidad e inventiva. (MAFFEO, 2003, p. 5)*

Percebe-se que as intervenções das duas grandes potências eram de extrema relevância para os conflitos dos países árabes, mesmo quando não eram militares de forma direta e radical, acabavam por decidir muitas coisas nos conflitos. Engajadas por seus interesses as potências influenciavam nos conflitos de Estados menores, conflitos internos e externos, e acabavam muitas vezes fazendo com que esses conflitos chegassem a um fim. Pode-se notar o tamanho da influência que as duas superpotências tinham em relação ao sistema internacional, sendo determinantes pelo fim de alguns conflitos, e atingindo seus interesses utilizando de outros Estados.

### **2.3. Relação das superpotências com a Síria**

Nota-se que os países do Oriente Médio se fazem presentes nas intenções de influência das grandes potências desde os primórdios. Centrando um pouco mais o estudo aqui feito, a Síria pode ser considerada uma das principais nações que fazem parte dos interesses das potências, e há muitos anos que sua relação com a URSS é estreita, o que

sempre causou certa preocupação norte-americana em relação ao equilíbrio de poder na região, questão essa que foi aflorada devido a Guerra Fria.

A relação diplomática da URSS com a Síria teve início em 1944, antes mesmo da Síria ser reconhecida como um Estado independente. Durante o governo de Stalin no início do pós-segunda Guerra Mundial, a relação Moscou e Síria não se mostrou muito ativa, havendo até algumas acusações por parte dos soviéticos, dizendo que as autoridades sírias estariam tendendo ao lado capitalista. Com a morte de Stalin e a ascensão do Khrushchev, a relação com a Síria foi retomada de forma ativa e provavelmente a Síria, foi a nação árabe mais importante para a URSS devido a sua posição geopolítica e estratégica e devido ao Partido Comunista Sírio que era muito forte.

Em seu livro, Andrej Kreutz, aborda toda essa relação soviética e Síria durante a Guerra Fria e suas respectivas formas de interação. Como nota-se no trecho a seguir:

*Moscow established its diplomatic links with Syria in 1944, even before the country was formally recognized as an independent state on April 17, 1946. Syria was probably more important to the USSR than other Arab nations for two reasons: its geopolitical location provided a chance to outflank Turkey and Iraq, which were firmly in the Western camp, and the Syrian Communist Party and its allies had already acquired some influence. (KREUTZ, 2007, p.13)*

O texto mostra que durante a Guerra Fria tanto uma cooperação técnica quanto uma cooperação financeira entre URSS e Síria pôde ser notada. As ações realizadas pela URSS além do objetivo de equilibrar o poder na região do Oriente Médio e expandir a ideologia comunista passaram a visar às questões comerciais e econômicas entre os Estados tendo em vista o aumento das importações e exportações entre eles.

*At the same time, the Soviet diplomatic representative in Damascus and the Syrian representative in Moscow were promoted to full embassy level. Between 1954 and 1955, the Soviet's and their Eastern European satellite's credits for Syria amounted to some \$363 million and the Soviet bloc's share in Syrian exports rose from 0,5 percent to 7,8 percent. From 1955 to 1958, Syria received about \$294 million from Moscow for military and economic assistance while Egypt was granted \$485 million. After the 1954 democratic transformation, the Syrian Communist Party restarted its public activities and its leader, Khaled Bagdash, was elected to parliament. Soviet-Syrian cooperation flourished from 1956 to 1957. In addition to extensive military*

*supplies, the Soviet bloc offered Syria its help in large-scale construction of hydroelectric plants and irrigation projects. (KREUTZ, 2007, p.13)*

Com essa relação cada vez mais estreita e voltada para a URSS, os americanos entendiam a Síria como um satélite dos soviéticos. Em vários momentos os EUA tentaram cooperar com a Síria, porém a mesma desconfiava muito dos americanos, principalmente, pelo histórico americano de casos que ocorreram no Oriente Médio, logo essa relação se tornou improvável de ocorrer.

*...The US' historical tendency to operate through individuals in the Middle East in exclusion of other parties was a key reason why it was unable to build a stable bilateral relationship with Syria throughout the post-independence period, being so closely associated with the discredited regime after a change in government...*

*...Thirdly, increased Soviet-Syrian ties served to perpetuate the existing suspicion and coldness between the US and Syria – for the Americans, this gave further currency to their formative view that the Syrians were an unruly and intransigent, obstructionist force in the region, one whose opinions were unreliable and need not be taken into strong consideration; whereas for the Syrians, American reactions to their links with the USSR confirmed their impression of the US as a self-interested party in the region bent on monopolising all power and allegiances for itself. The instability of Syrian domestic politics in this time had greatly contributed to its marginalisation in US considerations for the region, viewed as incapable of dictating its own affairs. (JASMINE, 2011, p.117)*

Com essa relação EUA-Síria deteriorada durante a Guerra Fria, podendo até mesmo ser considerada como uma relação de rivalidade, tornou-se importante para os americanos uma tentativa de aproximação e uma boa cooperação com os territórios que tem fronteira com a Síria, justamente, para garantir meios de adentrar no território caso uma revolução comunista despertasse como eles pensavam.

*Using the doctrine as a mandate to intervene, James Richards, the new Special Assistant for Middle East Affairs, and then Loy Henderson, Deputy Under-*

*Secretary of State, toured the region in March and August 1957 respectively to enlist support from regional states, and in turn to isolate Syria from its neighbours.<sup>241</sup> Jordan, Saudi Arabia, Lebanon, Turkey and Iraq were all consulted by the US and gave their endorsement to the Eisenhower Doctrine; Neither US representative visited or made any contact with Syria throughout the ensuing crisis. (JASMINE, 2011, p.117)*

Pode-se concluir que as relações entre essas potências e os países “menores” incluindo os países do Oriente Médio, sempre existiram, porém com o advento do sistema bipolar e a disputa por zonas de influências foram intensificadas.

Nota-se uma padronização no meio de equilibrar o poder, e aumentar suas zonas de influências, padrões intervencionistas que podem ser identificados durante esse período, essas intervenções realizadas nos países menores faziam com que as superpotências utilizassem de outros territórios como campo de batalha para entrarem em conflito entre si, às vezes de forma direta, mas na maioria das vezes englobando conflitos adjacentes e colocando seus interesses de forma subliminar.

Ambas as superpotências utilizavam de intervenções diretas como: envio de tropas militares e armamentos, e também de formas indiretas como: transferência de recursos financeiros, envio de especialistas, estudos realizados em conjunto, apoio no discurso das autoridades políticas. Importante ressaltar que essas intervenções durante a Guerra Fria passaram a necessitar de explicações racionais para que ocorressem sem que os demais agentes do sistema internacional pensassem que era uma intervenção com más intenções. Embora se possa notar que inúmeros casos as superpotências deram essa explicação, porém que não foram bem aceitas pelas Nações Unidas, mas mesmo assim as intervenções ocorreram.

A Síria demonstrou sua enorme importância para a política mundial, principalmente na Guerra Fria, por ter essa boa relação com a URSS desde o início de sua independência e por sempre estar gerando desconfiança dos americanos. Relação essa que continua tendo extrema relevância mesmo com o fim da Guerra Fria.

### **Capítulo 3: O estado atual do Conflito na Síria**

O capítulo final aborda a questão do conflito na Síria em si e seus desdobramentos para o sistema internacional considerado por muitos como unipolar. Está dividido em quatro seções, a primeira abrange o Oriente Médio na era pós-11 de setembro, a segunda explica a origem do conflito da Síria influenciado pela primavera árabe, a terceira parte que abrange o novo agente do conflito, que é o Estado Islâmico e sua influência, e a última parte que diz respeito ao enfrentamento entre Rússia e EUA no conflito.

A região do Oriente Médio era antes organizada e controlada pelo Império Turco Otomano, mas com a queda do Império surgiu um vácuo no poder na região. Logo as superpotências perceberam sua importância econômica, política e geoestratégica, e com o vácuo de poder deixado, e utilizando da justificativa de que poderiam estabilizá-la e organizá-la, passaram a participar ativamente das questões que ali surgiam. No período da Guerra Fria entenderam que ali poderiam difundir suas ideologias já que existiam Estados desestabilizados e fracos emocionalmente. E essa disputa de poder só vem aumentando nos últimos anos principalmente com o crescimento do mercado petrolífero, no qual a região tem importância exorbitante.

#### **3.1 Pós 11 de Setembro**

Em 11 de setembro ocorre um dos fatos mais importantes da história, acontecimento que veio para “legitimar”, popularizar e intensificar, de uma vez por todas, a Guerra ao Terror, que marca o sistema internacional desde o fim da Guerra Fria. Logo

se intensificou o processo de intervenções das “potências” nesses Estados tidos como suspeitos. Caracterizado pela unipolaridade americana que muitos autores consideram esse sistema “tinha” um *layout* diferente de todos os outros que existiam.

Os Estados Unidos vinham atuando no Oriente Médio para adquirir poder na região mais importante financeiramente nos anos 1990/2000, porém essas intervenções americanas em Estados menores do Oriente Médio não eram bem aceitas pelo restante da sociedade mundial e dos Estados que fazem parte do sistema internacional, com o ataque realizado por um grupo terrorista às torres gêmeas, edifícios símbolos dos Estados Unidos, a sociedade e o sistema internacional iniciou uma guerra ao terror. Os Estados Unidos passaram a "caçar" grupos terroristas pelo Oriente Médio, e agora detinham esse motivo como justificativa para suas intervenções em países do Oriente Médio em que viam uma possível ameaça.

Com essa maior legitimidade assegurada após o ataque, os Estados Unidos passaram a influenciar ainda mais nos países do Oriente Médio e agora com a segurança de que o número de potências do sistema internacional que questionariam suas intervenções seria muito menor. Ou seja, as intervenções na região detinham certa legitimidade e os Estados Unidos podiam agir da forma que quisessem nesses países em que houvesse desconfiança.

### **3.2 Origem do conflito na Síria**

O conflito na Síria tem raízes no fim da segunda Guerra Mundial como sabemos, com o fim do Império Otomano e sua divisão sem critérios.

Zahreddine (2013), analisa todo esse contexto histórico para entender o conflito, partindo do processo de como se deu a divisão da “grande Síria” até a fundação da República da Síria, utilizando de vários dados históricos. Mostrando mais uma vez, uma colonização feita por uma potência (França) sem dar importância para as diferenças religiosas, étnicas, o que segundo o autor faz com que a partir de 1921 possa ser evidente a fragmentação territorial e o futuro de conflitos que aguardava a Síria.

Quando finalmente é alcançada a república, fica claro quão complexo é a composição política desse país, destaca-se que de 1946 a 1958 foram dez presidentes no poder da Síria.

Por fim, em 1971, assume o poder Hafez al Assad através de mais um golpe militar, porém esse de extremo sucesso tendo em vista que seu governo durou até 2000, ano de sua morte. A transição política se deu por seu filho, Bashar al Assad, que assumiu no mesmo ano e está no poder até os dias de hoje. O autor mostra que a política dos Assad sempre esteve buscando a ascensão socioeconômica e política da minoria religiosa (alauita) da qual a família faz parte.

Em 2010 uma onda de manifestações teve início, manifestações essas que surgiram primeiramente na Tunísia e depois se alastraram por todo o Oriente Médio e norte da África. As populações estavam protestando contra os governos ditatoriais que em sua maioria estava no poder nesses países a mais de décadas, e que vinham gerando benefícios somente para parte da população. Essas manifestações ficaram conhecidas como primavera árabe. A primavera árabe é uma manifestação clara dessa participação que a sociedade civil pode ter no sistema internacional, que Wagner (2007) aborda em seu artigo.

Segundo Wagner (2007), o Estado perde a sua soberania interna não pelo colapso do Estado e sim por causa da ascensão de novos grupos organizados, que utilizam da violência para reivindicar seus direitos, causado muitas vezes pela divergência de interesses entre população e Estado. Logo torna-se fundamental entender os indivíduos e suas organizações para entender os conflitos do sistema.

A Síria tem uma população de 22 milhões, da qual 72% faz parte da vertente Sunita da religião islâmica, e outros 12% são da vertente alauita, como pode-se notar no ANEXO A deste trabalho (Webster, 2012). O grande problema é que o governo do país está nas mãos da família Assad há mais de 40 anos, e através de uma política corrupta, o governo vem favorecendo essa minoria da população e deteriorando a vida do restante da população no país.

O conflito na Síria explodiu com a onda da primavera árabe que surgiu no Oriente Médio. Na Síria a maioria da população que é sunita passou a rejeitar a ideia de ter um presidente (ditador) que faz parte da outra vertente (alauita) que é minoria no país e que

vinha favorecendo essa minoria da população com suas políticas e com sua corrupção, e prejudicando o restante do país. A população foi para as ruas protestar de forma pacífica no início, porém o governo de Bashar reprimiu os protestos de forma violenta e radical, utilizando de seu exército fiel para atacar os civis. A população percebeu que deveria passar a se armar para poder reivindicar seus direitos, liderada pelo exército sírio da libertação, logo esse conflito civil entre população e governo passou a representar um problema transnacional. Então mais uma vez surge aí uma oportunidade para os Estados Unidos e Rússia influenciarem nas políticas na região, tendo em vista a imensa importância geoestratégica da Síria.

### 3.3 Ascensão do Estado Islâmico

Em 2014 o grupo de terroristas resolveu declarar o califado islâmico, e designou Abu- Al-Baghdadi como o califa. O califado islâmico se autoproclama um Estado, tendo em vista que tem sua própria justiça baseada radicalmente no Corão, uma economia própria, tem uma polícia, tem sua população, o próprio EI provém os serviços básicos para a população, seu próprio comércio, porém não possui um território fixo e esse é um grande problema porque o objetivo deles é espalhar o califado por todo o território do Oriente Médio. Também se considera a autoridade religiosa e política da população muçulmana mundial que abrange cerca de 1,6 bilhões de muçulmanos.

O Estado Islâmico que teve seu início no Iraque hoje está em constante expansão e já se encontra detendo um território físico bastante amplo, entre eles estão cidades importantes e históricas tanto na Síria quanto no Iraque. Como disserta De Corral:

*Actualmente, EI controla un territorio enorme que se extiende casi 800 kilómetros entre Jarablus, en la punta norte de Siria, y Fallujah, en el centro de Irak.<sup>3</sup> En las ciudades y pueblos que tienen bajo control, viven alrededor de 8 millones de personas, una población mayor a la de algunos países de la región, como Jordania, y comparable con países como Suiza y Austria. (DE CORRAL, 2015, p.5)*

O EI se sustenta, atualmente, pelo petróleo que está sob seu controle no território iraquiano, vendido em mercados negros com preços abaixo do mercado internacional. Além de atividades ilegais como: roubo, contrabando, sequestros, bloqueio de estradas,

venda de antiguidades furtadas em cidades invadidas e até mesmo a tributação realizada nas cidades que foram conquistadas, conforme o ANEXO C desse trabalho (ISW, 2015).

Com a palavra De Corral:

*Sin embargo, la mayor parte de la riqueza de EI proviene de la venta del petróleo crudo que controla en el norte de Irak y el este de Siria. Desde que tomaron Mosul y sus alrededores, EI tiene el control de dos yacimientos petrolíferos. También controlan otros dos yacimientos petrolíferos importantes cerca de Tikrit, y en Siria se estima que EI controla alrededor del 60% del petróleo. El grupo ha explotado las redes de contrabando existentes para vender petróleo a intermediarios y contrabandistas en Kurdistán, Siria y Turquía. Se estima que durante el último año han vendido el petróleo a precios rebajados, entre \$25 y \$60 por barril, y tienen la capacidad para vender 30.000 barriles diarios. Esto indica que podrían generar hasta \$2 millones diarios en ingresos por la venta del petróleo.<sup>13</sup> El negocio petrolífero de EI ha sufrido algunos contratiempos desde que los bombardeos de EEUU empezasen en agosto del 2014. No obstante, la venta del petróleo crudo a través de su red de contrabandistas aún sigue contribuyendo cantidades importantes a sus arcas. (DE CORRAL, 2015, p.9)*

Segundo De Corral (2015), o grupo é composto por pessoas de diversas nacionalidades que, provavelmente, vivem em condições ruins, passam por problemas psicológicos e se veem sem um ideal de vida e pensam que encontrarão isso na luta pela difusão do califado e fim do ocidente. A maioria dos soldados são jovens, tendo em vista o principal método de recrutamento do EI, que é através das redes sociais. Os números não conseguem ser totalmente precisos devido a amplitude do movimento.

*La inteligencia estadounidense estima que EI tiene entre 20.000 y 30.000 soldados en Siria e Irak. Sin embargo, Fuad Hussein, el jefe de gabinete del Presidente del Gobierno Regional de Kurdistán, estima que EI tiene alrededor de 200.000 soldados a su disposición, debido al gran número de hombres jóvenes que reclutan en las zonas bajo su control.<sup>5</sup> Aunque, no se sabe con certeza el tamaño de sus fuerzas militares, no hay duda de que se trata de un ejército grande y bien organizado. Prueba de ello es que EI tiene la capacidad de luchar en varios frentes al mismo tiempo, y de mantener el control sobre varias ciudades y puntos estratégicos. (DE CORRAL, 2015, p.6)*

Pode-se entender que o grupo terrorista EI é composto por pessoas de diversas nacionalidades e com motivações diferentes, mas que vem realizando atrocidades contra toda a humanidade, com o discurso de proliferação dos pensamentos de Alá e uma reestruturação da nação muçulmana segundo o corão.

*The actual numbers, and their actual allocation between indiscriminate and selective killings, matter because they have vastly different implications about the nature of the conflict. If it turns out that the bulk of violence meted out by the Islamic State consists of randomly targeted Shiite fighters and civilians, this would be in line with an interpretation of their main strategic goal as being about provoking an all-out sectarian war between Iraq's Sunnis and Shiites. The logic is pretty obvious: Random violence against Sunnis would provoke equally random retaliation by Shiites against Sunnis, activating the sectarian cleavage and forcing Sunnis and Shiites, irrespective of either their initial or true preferences, to side with the most radical representatives of their sects. According to this logic, the Islamic State would emerge as the champion of the Sunnis and acquire a much larger base of support than it could otherwise claim. (KALYVAS, 2014, p.38)*

Pode-se notar que o Estado Islâmico é uma parte radical dos sunitas que vinham se contrapondo ao governo de Bashar na Síria, e que utilizam do radicalismo para disseminar seus pensamentos, atacando assim pessoas de forma randômica com o único intuito de acabar com pensamentos contrários ao seu e estabelecer um Estado com o Islã mais “puro”.

Outra consequência que vem assustando, cada vez mais, os agentes internacionais é a migração dos refugiados do conflito, fugindo do EI, e indo para a Europa de uma forma descontrolada, o que vem causando um número cada vez maior de mortos durante o percurso. Os países da Europa também não podem estar aceitando a entrada de todos os que querem fugir do conflito, é um número muito grande que influenciaria na economia do país, nas políticas do país e na vida da própria população, ou seja para um país abrir suas portas para refugiados fugitivos da guerra depende muito da sua situação interna e até mesmo se o Estado suporta um aumento tão grande da população. Segundo o Observatório Sírio de Direitos Humanos, até o momento cerca de 12 milhões de pessoas já tiveram que se deslocar de suas casas na Síria, sendo que cerca de 5 milhões se deslocaram para fora do país o que aumentou a crise humanitária.

Esse fato surge como um novo componente do conflito que antes já era complexo, composto por interesses internacionais e com duas grandes potências controlando seus interesses. Atualmente existe esse grupo que vem assassinando todos que não concordam com essas crenças e se opõem a eles, destruindo cidades históricas e consideradas de

fundamental importância para outras religiões, tudo isso utilizando da mídia para aterrorizar ainda mais as pessoas e impactarem mundialmente.

### **3.4 Enfrentamento Rússia-EUA no conflito**

O conflito da Síria, que começou como uma revolta pacífica da população contra seu governo, se tornou uma guerra com influência o mundo inteiro atualmente. Pode-se notar inúmeros interessados na Guerra da Síria, agindo de acordo com seus interesses, o conflito conta com agentes domésticos e internacionais na sua composição para aumentar ainda mais a complexidade. Os principais agentes do conflito são: as tropas de Assad, Rússia, Irã, Iraque, Hezbollah, Exército Sírio da Libertação, EUA, França, Reino Unido, Turquia, Estado Islâmico. Porém dois Estados ganham destaque entre esses agentes, os Estados Unidos e a Rússia.

Com o início da revolta da população contra o governo os Estados Unidos viram ali uma oportunidade para finalmente conseguir influenciar na Síria, tendo em vista que a Rússia sempre esteve ali presente, e assim expandir seu poder no Oriente Médio. Para isso ele utiliza do discurso tradicional que diz que o povo da Síria merece um governo democrático e que Bashar é um ditador. E a Rússia viu a oportunidade de recuperar seu prestígio no sistema internacional, liderando a solução do conflito.

O autor Thaza (2012) entende que no sistema não se pode ver com clareza a disputa do poder, não vemos políticas claras buscando o equilíbrio de poder como nos últimos anos, o que seria o *hard balancing*. O autor acredita que exista o equilíbrio de poder hoje em dia só que de maneira diferente do clássico equilíbrio de poder, seria o *soft balancing*, através dos compromissos diplomáticos, foros institucionais, alianças até porque os atores internacionais se encontram em um mundo muito mais interdependente, atualmente. Já o equilíbrio de poder de tipo militar tende a ficar em segundo plano até uma mudança do sistema internacional.

*Desde mi punto de vista, en un esfuerzo de adaptación al cambio de circunstancias, las potencias emergentes y Estados Unidos han modificado cuidadosamente sus estrategias de seguridad en la nueva era. Buscan alcanzar un equilibrio limitado, esto es, un “equilibrio suave del poder” (soft balancing) y establecer compromisos diplomáticos, como parte de una estrategia más general que los asegure a todos contra posibles enfrentamientos directos entre sí (hedging strategy). Intentan, de esta manera, afrontar el problema de la transición de poder sin recurrir realmente a una política de “equilibrio duro” (hard balancing), que implicaría una escalada armamentista y la conformación de alianzas. (THAZA, 2012, p.96)*

Atualmente o *soft balancing* se tornou o predominante, porém Thaza (2012) ressalta que em certas regiões de conflitos, rivalidades, podem ser notadas políticas de “*hard balancing*”, como é o caso da Síria em que se tem uma disputa militar “indireta” envolvendo os EUA e a Rússia, através de outro Estado.

O autor disserta que a Rússia pode ser uma potência importante, mas de segunda ordem e não acredita que ela pode utilizar de seus recursos militares para reclamar seu status de superpotência, porque militarmente ainda enxerga os EUA sendo a potência dominante, logo vem agindo multilateralmente no sistema.

Porém no âmbito econômico com a ascensão da China e da Índia pode-se considerar um alerta para os EUA nas próximas décadas, e a Rússia sabendo disso vem procurando manter uma relação de cooperação com a China.

Pensamento compartilhado pela especialista em políticas da União Soviética e da Rússia, Newton (2010), que afirma que a Rússia, atualmente, traz uma política externa multilateral tentando alcançar seu poder, e voltar a ser uma potência mundial através de cooperações.

A política externa da Rússia está voltada para alcançar um “atalho” para o poder, que o Putin enxerga como a multipolaridade. Como pode-se notar no caso do Iraque em que a Rússia se alinhou a França e a Alemanha contra a intervenção americana. Nota-se que a Rússia embora multipolar continua com pensamentos divergentes aos dos norte-americanos.

Putin vê a importância da modernização de seu Estado que se encontra atrasado e através de acordos econômicos e relações diplomáticas vem tentando fazer essa integração com os países desenvolvidos.

Newton (2012) utiliza de três pontos para explicar porque a Rússia precisa desse reconhecimento internacional novamente. 1º-Os desafios externos ali mesmo da Europa, pois a Rússia em seu passado sempre foi o Estado pobre que era invadido pelas potências europeias. 2º-fraquezas internas, pequenas diferenças de pensamentos existentes entre a sociedade Russa que pode acabar gerando uma desintegração do Estado Russo. 3º-A mentalidade Russa que se acostumou nos últimos anos a ser uma superpotência, tem em suas memórias recentes a sensação de ser uma das nações mais poderosas do mundo.

Pode-se entender que após a Guerra Fria houve um declínio no poder da Rússia o que fez com que suas políticas ficassem menos importantes para o sistema internacional. Porém nos últimos anos nota-se uma tentativa da Rússia, através das políticas multilaterais do Presidente Putin, recuperar esse prestígio internacional que se perdeu após a Guerra. Como é o caso da Síria em que a Rússia vem tentando ser o agente líder para que o conflito alcance um final.

Nota-se esse fato também nas falas de Bagdonas (2012), que disserta que a multipolaridade do discurso russo está em destaque. Focando no tema do conflito da Síria, como a política da Rússia está atualmente voltada para o conflito da Síria. Com fortes decisões diplomáticas tomadas durante as tentativas de resoluções pela ONU. Mostrando um jogo diplomático com a China para mostrarem resistência às decisões da ONU, dando suporte a Assad.

O que está em jogo para Rússia, é principalmente a disputa por poder que eles enxergam estar ocorrendo no território do Oriente Médio e mais precisamente na Síria, onde a Rússia tem alguns interesses diferenciados. O governo da Síria facilita com que a Rússia possa utilizar do porto de Tartus, um porto importantíssimo da Síria. Outro interesse é o interesse econômico e comercial, já que a Síria se encontra dependente da Rússia desde a antiga URSS.

O comércio é focado principalmente no comércio de armas, porém não se pode deixar de citar as empresas russas de energia que ali se localizam e investem. Importante destacar que a Rússia que sai com a vantagem, nessas relações comerciais que ela tem com a Síria. *“In march 2012, it was announced that Russia’s Gazprom would take over Croatia company’s INA’s oil and gas operations in Syria.”* (BAGDONAS, 2012, pg.64).

Não se pode esquecer de citar os interesses estratégicos da Rússia, que demonstram a disputa de hegemonia no Oriente Médio, precisando manter certa influência na região, não deixando os Estados Unidos se tornarem a hegemonia. Além da tentativa de recuperar seu status de potência de importância global.

O autor, Andrej Kreutz (2007) concorda com a existência de uma relação muito importante entre Rússia e Síria, e mostra que essa relação é muito forte antes mesmo da Guerra Fria, e que durante a Guerra Fria essa relação passou a ser mais forte e atingiu seu ápice, a URSS a via como uma posição geopolítica muito importante. Em 1958 a Síria recebeu \$254 milhões de dólares da URSS de assistência militar.

Com o fim da Guerra Fria a Síria não se vê mais tão dependente da Rússia (antiga União Soviética), vendo brecha aberta pelo “fim” do conflito de ideologias. Porém mesmo assim a Rússia se viu com a necessidade de se reaproximar daquele seu parceiro comercial de longa data, e passaram a negociar vários tratados bilaterais, e conseguiu reconquistar seu parceiro do Oriente Médio.

O autor (KREUTZ, 2007) elenca quatro fatores de extrema importância na relação Rússia-Síria:

1º- É o fator mais conhecido e citado que é a questão do mercado de armamentos existente entre os dois países.

2º- É a dívida que a Síria tem com a Rússia de mais de 7-11 bilhões de dólares, que tem formas e tempos diferentes para serem pagas.

3º- A Rússia quer fazer parte do Oriente Médio e talvez ajudar alguns países a entrarem em processo de pacificação como a Síria e Israel. E a presença da Rússia no Oriente Médio é considerada como balanceamento do poder dos americanos que ali estão.

4º- Alguns líderes em Damasco têm poderosos parceiros em Moscou que fazem com que a cooperação se torne algo mais fácil e melhor para o país.

No governo Putin está claro que seu objetivo de governança é expandir as relações com a Síria que após o fim da Guerra Fria e conseqüentemente o fim da URSS, caíram em um momento de estagnação.

*...Consequently, Putin wants to preserve and if possible expand Russian-Syrian relations in order to maintain positive aspects of previous Moscow-Middle Eastern involvement, and to promote Russia's image as a country friendly toward Islamic peoples. (KREUTZ, 2007, p.25)*

Em 2001, o ministro russo fechou acordo de gás e petróleo, para a Rússia poder produzir na Síria. Uma empresa de petróleo Russa e uma Síria resolveram fazer um “joint venture”, podendo notar que as relações Rússia-Síria estavam voltando com força.

*In September 2000, during the Russian Science, Industry, and Technology Minister Alexander Dondukov's visit to Syria, an agreement was reached in the oil and gas sector, and to construct joint enterprises on Syrian territory for the production cement, pesticides, and mineral fertilizers. The Permanent Russian-Syrian Commission on economic, scientific, and technological cooperation was thus established and some projects are underway. In February 2003, a large Russian oil company, Zarubezhneft, and the Syrian Oil Company signed founding documents for a joint venture, AMR IT Oil Company, which will be involved in “geophysical, drilling and other service work forming part of the complete production cycle of the petroleum sector. (KREUTZ, 2007, p.28)*

E essa relação Rússia-Síria está em uma constante melhora nos últimos anos, onde as cooperações, principalmente nas questões ligadas a energias, estão em ascensão.

Apesar das acusações e desconfianças dos EUA e de outras potências do Oriente, a Rússia afirma não ter um olhar antiamericano nem anti-israelita, e que a Rússia só tenta uma reaproximação com o Oriente Médio que se perdeu com o fim da URSS.

Nota-se que a relação da Síria com a Rússia é uma boa relação há muitos anos, beneficiando ambos os lados, economicamente, politicamente, comercialmente, e etc. Logo a Rússia tem a necessidade de manter o governo de Bashar no poder para manter sua boa relação com o país, gerando esse conflito com o governo americano que pretende derrubar o governo sírio.

Essa abordagem de que as duas potências vêm buscando influenciar na Guerra da Síria, está presente no artigo de Ghotme e Ripoll (2014), que exploram o conceito de “equilíbrio de poder” no conflito da Síria. Mostrando que os EUA e a Rússia interveem na Síria para proteger e expandir seus interesses. Os Estados Unidos por um lado têm uma postura mais recuada, intervindo de forma mais moderada a favor dos rebeldes, já a Rússia tem políticas e ações diplomáticas fortemente voltadas a apoiar o ditador Bashar.

Existem duas análises do caso para as relações internacionais, uma neoliberal que concorda que os direitos humanos teriam que ser superiores a qualquer coisa, portanto os Estados Unidos deveriam impor a ordem e garantir os direitos na Síria, esse é o discurso americano. A outra é a soberanista, utilizada pela Rússia, defendendo fortemente a soberania da Síria, pensando também que a perda de soberania dentro de seu próprio estado com o fim do regime poderia acarretar no renascimento do terrorismo.

Ao tentar contrariar os Estados Unidos, a Rússia busca controlar zonas de influência relevantes para sua economia e segurança, pretende se mostrar como importante ator global novamente e controlar os recursos energéticos.

*Al resistirse a los Estados Unidos, y expandir sus intereses, tanto Rusia como China buscan controlar zonas de influencia relevantes que afectan su seguridad y la de sus aliados, preservar la posición de poder adquirido, mantener cierto nivel de prestigio, controlar los recursos energéticos, el dominio de sus rutas y los contratos comerciales. Tomados en conjunto, estos factores nos permiten pensar que los Estados involucrados en la guerra civil siria se han visto compelidos hacia la política del equilibrio: sostener sus posiciones relativas de poder para gestionar sus intereses en un entorno anárquico. (GHOTME E RIPOLL, 2014, p.53)*

Ghotme e Ripoll (2014) dissertam que as grandes potências estão intervindo na Síria através de diplomacia multilateral e de medidas unilaterais. A Rússia tem colaborado com o governo sírio através do envio (venda) de armamento para sua defesa, incluindo, munições, aviões, sistema de defesas aéreas entre outros aparatos militares.

Os EUA apoiam os rebeldes com apoios diplomáticos, além da colaboração militar, inclusive na ONU tentando diversas resoluções para o fim do conflito que vem

acabando com os direitos humanos, porém a Rússia e a China vetam. Fica evidente essa disputa de aumentar o poder na região.

Em 2013 está um dos marcos da mudança de visão do conflito, o mundo passa a se preocupar mais porque começam a ocorrer ataques com armas químicas no conflito sírio o que faz com que os EUA passem a tomar uma posição mais ativa e buscarem uma resolução para o problema das armas químicas, resolução essa (24 de setembro de 2009) que a Rússia aceitou, fazendo com que o governo Sírio entregasse todo seu armamento químico no prazo de um ano.

*La primera estrategia de Estados Unidos para contar con alguna preponderancia en el Medio Oriente está relacionada con la “recuperación del prestigio”. Obama tiene muchas razones para desear ese resultado: su inacción entre abril y junio, cuando no tomó ninguna medida contra el régimen sirio por el supuesto uso de armas químicas, y la impopularidad de sus medidas “poco enérgicas” entre sus aliados árabes e Israel; y, finalmente, la frustración de los rebeldes por el lento y escaso apoyo que le dan los Estados Unidos, cuya inacción se ha reflejado en lo que Luttwak (2013) llama estrategia del “empantanamiento” o “empate indefinido” (cfr. Berger, 2013<sup>20</sup>). (GHOTME E RAPOLL, 2014, p.62)*

Os interesses americanos são de adquirir um prestígio no Oriente Médio após intervenções duvidosas, e talvez o maior interesse seja utilizar da posição privilegiada da Síria para poder vigiar o Irã e seu enriquecimento de urânio, e deixar claro para o Irã e o Hezbollah que os EUA está presente ali no Oriente Médio. Outro grande interesse geopolítico, mas esse, de ambas as partes é o interesse na rota energética para o mediterrâneo, interesse em um livre fluxo de recursos energéticos por essa rota. Esse reconhecimento de certos interesses dos EUA também é compartilhado pelos autores, Iyengar e Fishman (2013).

Esses autores analisam as influências das potências nas questões da Síria e através da avaliação de seus interesses tentam dizer quais seriam as melhores resoluções do conflito para o interesse de cada Estado.

Os interesses considerados, pelo artigo, como essenciais para os EUA no conflito da Síria, são os mesmos já abordados pelos outros atores, como: a questão do Irã, a

questão das armas nucleares, prevenir o terrorismo e a questão da instabilidade no Oriente Médio.

O texto também leva em consideração os atores regionais, Irã que apoia o governo de Assad, também se cogita a relação do governo sírio com os grupos terroristas Hezbollah, Hamas e Al-Qaeda.

Quando voltam a analisar os atores internacionais, Iyengar e Fishman (2013) analisam a Rússia como um ator que pretende utilizar do regime de Assad para proteger as atitudes de Putin em relação a Chechênia. Novamente o porto de Tartus é citado como grande interesse russo, por se uma bela saída para o mediterrâneo. Explora também a utilização de empresas russas do território sírio para a exploração de petróleo e gás natural.

Explorando os possíveis fins do conflito, os autores dizem que na visão americana o fim com uma partilha do governo é a pior. A possibilidade de uma missão de paz da ONU para forçar um cessar-fogo seria uma boa saída, porém esse fim só se daria com a mudança radical da política da China e da Rússia.

Considerando os interesses americanos a melhor solução da Guerra seria a vitória dos rebeldes através do suporte indireto e clandestino dos EUA. Porém a confiança dos EUA nos rebeldes não pode ser 100%, até porque alguns rebeldes podem estar inclusos em grupos terroristas e podem se aproveitar da “ajuda” americana de forma errada. Pensamento esse que se concretizou a partir de 2014 com a ascensão do EI.

A Síria como uma arena de competição, assim como outros territórios já foram utilizados durante a Guerra Fria, é analisada por Martini, York e Young (2013), que também dissertam que será assim por vários anos, até que a influência externa resolva acabar com o conflito. Mas esse artigo utiliza de uma abordagem diferente dos demais por utilizar um método mais estatístico, utilizando dados, tabelas, mapas e gráficos.

Os autores começam “mapeando” as influências externas que estão atuando na Síria, não só as grandes potências EUA, Rússia e China, mas também as influências dos países vizinhos. É relevante perceber que os interesses são bem diferentes. Os grupos se dividem em três, o primeiro é o que apoia o regime de Assad e é formado por: Rússia, Iran e Hezbollah. O segundo grupo é composto por aqueles atores que apoiam a oposição e a deposição do Assad, são eles os EUA, a Turquia, a Líbia, a Jordânia, Arábia Saudita

e os membros da OTAN. O terceiro grupo é o que não deixou muito claro qual sua posição tomada sobre o conflito, são eles Israel e Iraque.

*These external players include neighboring countries that seek to contain spillover effects, such as Turkey and Iraq; aspirants for regional power, such as Iran and Saudi Arabia; and extra-regional actors that have their own particular equities, such as Russia. The players' interests vary—as do the strategies for advancing them. However, external actors can generally be classified into one of three camps (see Table 1). The first camp comprises those supporting the Assad regime in its attempts to defeat or co-opt the opposition. This group is headlined by Iran, Hezbollah, and Russia. At the other end of the spectrum are actors aiding the Syrian opposition to various degrees and seeking the removal of the Assad regime. This group features Turkey, Saudi Arabia, the smaller Gulf Cooperation Council (GCC) states, Libya, Jordan, the United States, and its NATO allies. (MARTINI, YORK E YOUNG, 2013, p.1)*

A diferença de interesses é clara, por exemplo, os EUA e a Arábia Saudita têm interesse em afastar a Síria do Irã, e equilibrar o poder na região. Turquia quer conter o efeito “spill-over” dos efeitos do conflito da Síria. O Irã pretende continuar a ser um importante aliado da Síria no mundo árabe. Hezbollah depende do território sírio para transição de armamentos. Rússia tem o interesse de manter um “pé” no Oriente Médio, evitando que os EUA passem a ser a potência hegemônica dessa região. Israel que é um Estado que se encontra indeciso no conflito já utilizou força militar contra o regime Assad, porém não deu suporte para os opositores do regime Assad. Essa diferença entre interesses gera diferentes modos de estratégia ocorrendo na Síria. Os aliados a oposição estão apoiando com uma precaução nos tipos de ajuda e o quanto ajudar, já no caso dos que apoiam o regime de Assad tem sido muito mais claros de suas pretensões e vem ajudando com bastante intensidade.

Percebe-se que a Síria está sendo usada como arena de competição entre diversos atores, tanto os internos quanto externos, analistas dizem que o conflito irá durar muito mais tempo, a não ser que haja uma mudança drástica de posição dos atores que apoiam o regime de forma concreta na ONU, e tem vetado as resoluções que poderiam intervir no território sírio, mudança muito difícil ao ver dos analistas das relações internacionais.

Zahreddine (2013) é outro que realiza sua análise por diferentes perspectivas do conflito, iniciando pela questão doméstica. Nota-se que na Síria existe uma diversidade

étnica e religiosa gigantesca, com maioria de sunitas, o que ao longo de sua história fez com que os conflitos pela governança estivessem sempre presentes. Essas políticas sempre se deram de forma violenta, principalmente após a criação de um exército extremamente fiel ao seu presidente, sempre visando conter qualquer tipo de revolta dos grupos religiosos que pensam diferente do governo. Como nota-se no trecho a seguir:

Um exemplo da utilização da violência como instrumento para arrefecer movimentos políticos foi o massacre ocorrido em 1982, na cidade Hama. Com o intuito de encerrar uma disputa com a Irmandade Muçulmana Síria, o presidente Hafez al Assad ordenou o cerco e destruição da resistência islâmica que se encontrava na cidade. Ao final de 27 dias de cerco, o governo havia acabado com a revolta, deixando um saldo de 10.000 mortos<sup>5</sup> (SEDDON, 2004). Esta resposta do governo sírio foi responsável por desencorajar a maioria dos movimentos contrários ao seu governo até a morte do presidente Hafez al Assad, em 2000. (ZAHREDDINE, 2013, p.14)

No âmbito regional o autor concordando com os outros analistas do conflito, diz que a Arábia Saudita e o Irã são atores de extrema importância no conflito deixando claros seus antagonismos conhecidos de muitos anos, uma Arábia Saudita apoiando o fim do regime apoiada por os Estados Unidos. Um Irã apoiando o regime de Bashar com a influência da Rússia.

O artigo analisa também no âmbito internacional tratando do interesse das grandes potencias no conflito, interesses iniciados em 1947 durante a Guerra Fria.

A Síria desde o governo do Assad pai (1971) tem uma estreita relação com a União Soviética devido a ligação pessoal que Assad tem com a União Soviética por ter morado vários anos no país, também por conta de que seu partido é o partido socialista árabe compartilhando das ideias socialistas da União Soviética. Essa boa relação permitiu que houvesse um aumento de comércio e alianças militares entre os dois países que persiste até os dias de hoje, comercialmente principalmente no setor armamentista no qual a Síria importa equipamento militar da Rússia.

A Rússia ganha com isso, àqueles benefícios já abordados por outros atores como o Porto de Tartus, mais territórios para suas empresas explorarem petróleo e gás, a manutenção da sua base militar em Latakia, e principalmente o ganho de uma importante zona de influência no Oriente Médio.

Com o fim da Guerra Fria, e a decadência da Rússia, os EUA reforçaram sua presença no Oriente Médio, principalmente após o 11 de setembro onde os EUA adquiriu certa legitimidade para intervir nos países em “crise” interna.

Zahreddine (2013) diz que nunca se viu disputa tão acirrada entre EUA e Rússia desde a Guerra Fria, com cada país apoiando um lado diferente e com a Rússia vetando resoluções da ONU, percebe-se então a extrema importância do conflito para a disputa de equilíbrio de poder no Oriente Médio.

Esse enfrentamento pode ser notado também claramente nos discursos de oficiais dos vários países que fazem parte do conflito. Nos discursos de Putin e Bashar se nota um claro repúdio a forma como os Estados Unidos vem intervindo no conflito e assim violando a soberania da Síria. Com a palavra Bashar Al Assad 2015:

...Terrorismo, quando mata dentro da casa deles. Mas ‘revolução’, ‘liberdade’, ‘democracia’ e ‘direitos humanos’, quando nos atinge. Os agentes do terrorismo só são terroristas, quando os atingem. Quando nos atingem, são revolucionários e “oposição moderada”. Os gritos deles ecoam pelo mundo, quando são atingidos por uma faísca. Mas o silêncio é total, por lá, quando os queimados somos nós...

Mas na prática, a relação é muito, muito forte e sólida, porque esta oposição ligada ao exterior, e os terroristas, têm algo em comum: um mesmo patrão. É aquele patrão quem financia, administra, coordena e mexe as cordas. É ele quem manda os terroristas subirem a espiral do terrorismo, internamente, e, externamente, manda a oposição externa ligada a ele gritar mais alto, para assim aumentar as pressões políticas. Na prática, esses dois lados são membros de um único corpo. Cada membro cumpre à sua maneira o papel que recebe, mas tudo é coordenado por um mesmo cérebro...

...O objetivo do patrão é servir-se das duas vertentes, do terrorismo e da ‘via política’, para empurrar os sírios a aceitar a situação de povo vassalo, que tudo aceita do que lhe seja ‘politicamente’ imposto. E caso não aceitem, aqueles grupos continuarão a apoiar o terrorismo e a destruir o país. Resumindo, o terrorismo é o verdadeiro instrumento; a vertente política é instrumento secundário. O terrorismo orienta a vertente política. Caso consigam alcançar os resultados desejados ou concretizar os seus objetivos pelo eixo político, tudo bem; se não, o papel do terrorismo é fazê-los chegar àqueles mesmos objetivos...

Então além dos enfrentamentos mais convencionais existentes no conflito da Síria, ainda pode-se notar a influência do enfrentamento Rússia-EUA nos próprios discursos de representantes dos governos.

Conclui-se que o conflito da Síria que teve início como um protesto da população contra o governo do ditador, gerou um espaço para que Estados Unidos pudesse enxergar ali uma possibilidade de ganhar influência em um país importantíssimo na região, e que a Rússia entendesse que tem que garantir sua influência no país para mostrar sua força na região e fazer com que sua força internacional volte a ser demonstrada no sistema. As duas grandes potências passaram a intervir diretamente no conflito interno da Síria, utilizando de formas várias mas tendo seus respectivos interesses por trás dos seus discursos inocentes, botando assim seus interesses em conflito. E hoje são os dois principais atores que podem pôr fim nesse conflito.

A maioria dos autores abordados compartilha do mesmo pensamento que está difícil de se atingir uma solução para o conflito tendo em vista as diferenças existentes até mesmo entre os opositores, o que mesmo após uma possível queda do Assad significaria em uma disputa para chegar ao poder entre os diversos grupos de opositores. Nota-se essa complexidade de atores no conflito na Síria no ANEXO B desta pesquisa (ISW, 2015).

O fato é que essa fragmentação dos rebeldes em vários grupos que os autores apontavam como algo que ocorreria após a queda de Assad ocorreu antes da queda dele, ainda com a tentativa de tira-lo do poder existindo. Em junho de 2014 o conflito na Síria tomou uma nova direção e proporção como a ascensão de um grupo entre os rebeldes, hoje conhecidos como Estado Islâmico.

Esse fator acaba dificultando ainda mais para que se alcance um desfecho para o conflito, tendo em vista que antes podia-se notar um apoio dos EUA, UE, OTAN e outras potências aos rebeldes que queriam destituir o Assad do poder, porém, com o surgimento desse grupo radical e com as barbaridades que o grupo vem executando contra a humanidade ficou difícil das potências continuarem seu apoio aos rebeldes, fazendo-se necessário o oposto, que seria combater justamente um grupo desses rebeldes que antes eram vistos como solução para o fim da ditadura.

## CONCLUSÃO

O sistema se encontra fragilizado, tendo em vista a crise econômica mundial, e os crescentes questionamentos em torno das ações dos Estados Unidos, existem estudos que dizem que a hegemonia da potência está em declínio. Existem outras potências que estão em constante crescimento, fato esse que pode ser comprovado com dados econômicos, porém nenhuma dessas potências já possui um poder militar que chegue perto do que a potência americana possui. Mesmo assim entende-se que não estamos em um sistema bipolar com a presença de duas ideologias como o da Guerra Fria, porém não estamos também em um sistema unipolar em que os Estados Unidos estão em ascensão, não podendo assim agir de qualquer maneira sem pensar no futuro.

Logo percebe-se que a influência que as potências hoje pretendem ter no Oriente Médio é muito menos uma questão de difundir suas ideologias para o mundo, tendo em vista que o capitalismo já se encontra instaurado com mais certeza no sistema. Atualmente a questão econômica e da própria segurança geoestratégica são as que são mais relevantes nas intervenções de hoje.

Apesar do sistema não ser mais bipolar, no conflito da Síria pode-se notar um enfrentamento justamente dos dois antigos polos do sistema, EUA-Rússia, só que atualmente como uma competição por petróleo, pelo ponto geoestratégico, pelas facilidades de transportes das mercadorias e etc.

Pode-se notar um enfrentamento até mesmo na linguagem dos discursos dos presidentes envolvidos, que são discursos pautados em frases clássicas que já são características dos pronunciamentos desses países. Do lado americano, fala-se de uma tirania na Síria que precisa acabar e que lá deve-se estabelecer uma democracia que é levada pelos americanos. Do lado russo, Putin diz que o que os Estados Unidos querem

fazer na Síria estaria deslegitimando a soberania da Síria como um Estado, intervindo diretamente na política do país e depondo um presidente democraticamente eleito. Linguagem que pode ser notada também no discurso das autoridades sírias, que entendem que os Estados Unidos e outros vem tentando intervir em um problema interno e que estariam violando a soberania da Síria.

Fato esse que pôde-se notar, também, na palestra das autoridades americanas e sírias (Sra. Richa Bhala da Embaixada Americana e Dr. Ghassan Nseir da Embaixada da Síria) que ocorreu no UNICEUB durante a XV Semana de Relações Internacionais (nos dias dez e onze de agosto de 2015), onde podia se perceber um vocabulário totalmente embasado nas ideologias capitalistas e socialistas. O discurso da autoridade americana e francesa foram discursos totalmente pautados na falta de democracia na Síria e que os Estados Unidos devem terminar com a tirania que existe no país há anos e levar a democracia para eles. Já no discurso do embaixador da Síria pode-se notar a influência das ideologias soviéticas, dizendo que os Estados Unidos querem forçar que o mundo veja uma ditadura ali onde não existe, fala que a população estava cada vez mais desenvolvida com o governo de Bashar, utilizou o termo imperialista diversas vezes no seu discurso.

Conclui-se que embora exista esse confronto claro entre as duas potências no território sírio, utilizando de métodos iguais da Guerra Fria, com envio de armamentos, auxílios econômicos, auxílios com tropas, envio de tecnologias, entre outros, não se pode mais notar um temor de enfrentamento militar global entre os dois como havia na Guerra Fria, porque agora o sistema é multipolar, e a Rússia entende que já não mais possui um poder armamentista comparável ao americano, o que torna o enfrentamento entre os dois muito mais indireto e com um pé atrás, do que na época da Guerra Fria. Porém é importante ressaltar que uma guerra atualmente seria muito mais provável, segundo os realistas estruturais, não entre Rússia e Estados Unidos, mas sim uma guerra sistêmica tendo em vista a multipolaridade. Ainda assim em setembro de 2015 a Rússia passou a utilizar de seus caças para atacar rebeldes na Síria, o que pode ter acrescentado uma parte de *hard balancing* nesse conflito.

Vale ressaltar que apesar de não se caracterizar mais uma nova Guerra Fria no sistema, o atual sistema internacional multipolar é entendido pelos realistas estruturais,

como Mearsheimer, como uma situação mais alarmante do que na época da Guerra Fria, tendo em vista que o sistema bipolar é muito mais estável do que o sistema multipolar. Logo pode-se entender que durante a Guerra Fria, com os enfrentamentos indiretos entre as duas potências, um conflito militar direto era muito improvável, e que com a multipolaridade do atual sistema uma guerra se torna muito mais provável.

O enfrentamento bipolar está presente no caso da Síria, uma linguagem clássica pautada em um sistema antigo, e discursos característicos do passado ainda existem também, a relação das potências com a Síria ainda é a mesma, porém, levando em conta todo o novo sistema internacional em que não existe uma bipolaridade central, e que os agentes domésticos (como o EI) estão cada vez mais participativos no sistema, esse enfrentamento se torna restrito à algumas localidades particulares, como na Guerra da Síria.

O fator da ascensão do Estado Islâmico e de sua influência direta no conflito da Síria, faz com que autores como Wagner, ganhem mais reconhecimento nas Relações Internacionais, tendo em vista a confirmação prática de sua teoria, que diz que um grupo civil organizado, pode (nesse caso através da violência) passar a influenciar de uma forma transnacional e ganhar um espaço no sistema internacional.

As potências se encontram em uma situação que deveriam entrar em um consenso com o Assad para combaterem juntos o terrorismo e as atrocidades que o Estado Islâmico vem realizando no território sírio, porém o grande problema atual é como os EUA pode cooperar com um governo que ele vem tentando depor durante 4 anos? Por causa de essas e outras questões é que o aprofundamento dos estudos em relação ao conflito da Síria deve continuar e se expandir cada vez mais para que os estudos possam ajudar a compreender melhor o conflito e quem sabe influenciar nas ações das potências que podem pôr fim nessa Guerra que vem disseminando uma população e destruindo um território histórico para toda a humanidade.

## REFERÊNCIAS

Silva, Marcos. Revisitando a Guerra Fria: autonomia relativa e dependência na relação Cuba-URSS. *Revista de Geopolítica*, v.4, nº2, pp.104-126, jul./dez. 2013.

Bagdonas, Azuolas. Russia's Interests in the Syrian Conflict: Power, Prestige, and Profit. *European Journal and Political Studies*. v.5, nº2, Pp. 55-77, 2012. Disponível em: <<http://thedailyjournalist.com/wp-content/uploads/2013/12/Strategic.pdf>>. Acesso em: 15 de ago. de 2014.

Barros, Deborah. Contextualizando a invasão à Baía dos Porcos. *Revista Brasileira de Política Internacional*, vol. 51, nº1, pp. 105-122, Janeiro de 2008.

Chang, Ang. The Vietnam War,1962-1964: The Vietnamese Communist Perspective.*Journal of contemporary History*, vol. 35, PP. 601-618, 2000.

De corral, Miguel; La amenaza del Estado Islámico y el extremismo en Oriente Medio; Ciudadanía y Valores Fundación; Nº 228; Fevereiro de 2015

Ghotme, Rafat A. et Al. Las relaciones internacionales de la Guerra Civil Siria: Estados Unidos y Rusia em la lucha por el poder internacional. *Revista de relaciones internacionales, estratégia y seguridad*. Vol. 9, n.º2, pp. 49-76, Julho de 2014.

HERZ, Mônica. Teoria das Relações Internacionais no Pós-Guerra Fria. Rio de Janeiro, V.40, n.º2, 1997. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0011-52581997000200006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52581997000200006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 12 de outubro de 2014.

Institute for the study of war. Control of Terrain in Syria. Setembro de 2015. Disponível em: < <http://www.understandingwar.org/background/control-terrain-syria-september-14-2015>>. Acesso em: 14 de outubro de 2015.

Institute for the study of war. ISIS Sanctuary Map. Setembro de 2015. Disponível em: < <http://understandingwar.org/map/isis-sanctuary-map-september-15-2015>>. Acesso em: 16 de outubro de 2015.

Iyengar, Radha A. et al. The conflict in Syria: An assessment of US strategic interests. New America Foundation. Março de 2013. Disponível em:

<[https://lisireport.files.wordpress.com/2013/04/fishman\\_iyengar\\_syria\\_naf.pdf](https://lisireport.files.wordpress.com/2013/04/fishman_iyengar_syria_naf.pdf)>. Acesso em: 21 de Setembro de 2014.

Jasmine K. Gani. Understanding and Explaining US-Syrian Relations: Conflict and Cooperation, and the Role of Ideology. London School of Economics and Political Science. Pp.93-148. Londres, Novembro de 2011.

Kreutz, Andrej. Russia in the Middle East: Friend or Foe? Praeger Security International Advisory Board. Greenwood Publishing Group. PP. 11-31. 2007. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=QI9atBdvM3MC&pg=PA11&hl=pt-BR&source=gbs\\_toc\\_r&cad=2#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=QI9atBdvM3MC&pg=PA11&hl=pt-BR&source=gbs_toc_r&cad=2#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em: 13 de Setembro de 2014.

Martini A. et al. Syria as an arena of strategic competition. Rand Corporation. 2013. Disponível em: <[http://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/research\\_reports/RR200/RR213/RAND\\_RR213.pdf](http://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/research_reports/RR200/RR213/RAND_RR213.pdf)>. Acesso em: 21 de outubro de 2014.

MAVRODIN, Corina. Hipocresía y normas de soberanía: un breve estudio sobre la política de las superpotencias en sus esferas de influencia durante la Guerra Fría. Relaciones Internacionales, [S.l.], n. 13, fevereiro de 2010. Disponível em: <[http://www.relacionesinternacionales.info/ojs/index.php?journal=Relaciones\\_Internacionales&page=article&op=view&path%5B%5D=194](http://www.relacionesinternacionales.info/ojs/index.php?journal=Relaciones_Internacionales&page=article&op=view&path%5B%5D=194)>. Acesso em: 14 de outubro de 2014.

Mearsheimer, John. The tragedy of great power politics. WW Norton & Company. Nova Iorque (2001).

Mearsheimer, John. The false promise of international institutions(1995); International Security, Vol. 19, Nº 3, pp.5-49

Morgenthau, Hans. A política entre nações (1948)

N. Kalyva, Sthatis; The logic of violence in the Islamic State's war. In: Syria and the Islamic State. Middle East Political Science. PP. 38-40. 1 de novembro de 2014

Newton, Julie. Shortcut to great Power: Russia in pursuit of multipolarity. Institutions, Ideas and Leadership in Russian Politics. PP. 88-115. Junho de 2010

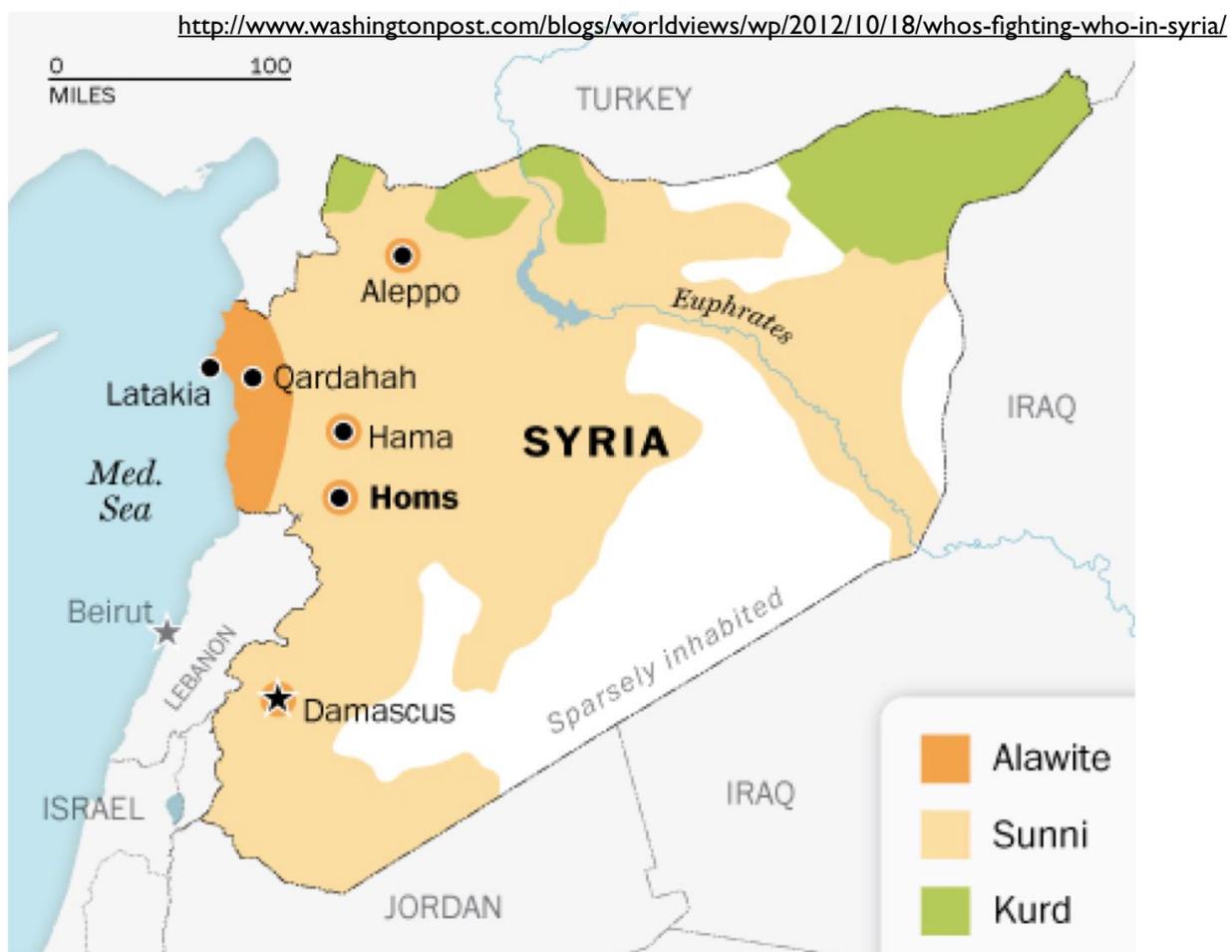
Tazher, Paul. . Las potencias em ascenso y el equilibrio del poder em el siglo XXI. Revista mexicana de política exterior. Janeiro de 2012. PP.- 95-116. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/es/document/view/13221262/las-potencias-en-ascenso-y-el-equilibrio-del-poder-en-el-siglo-xxi>>. Acesso em: 17 de setembro de 2014.

Wagner, Harrison. War and the State the theory of international politics. The University of Michigan Press. Michigan (2007)

Webster, Bill. Syria simple ethnicity map. Outubro de 2012. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/blogs/worldviews/wp/2012/10/18/whos-fighting-who-in-syria>>. Acesso em: 17 de outubro de 2015

Zahreddine, Danny. A crise na Síria (2011-2013): Uma análise multifatorial. Revista Conjuntura Austral, vol. 4, PP. 6-23 (2013)

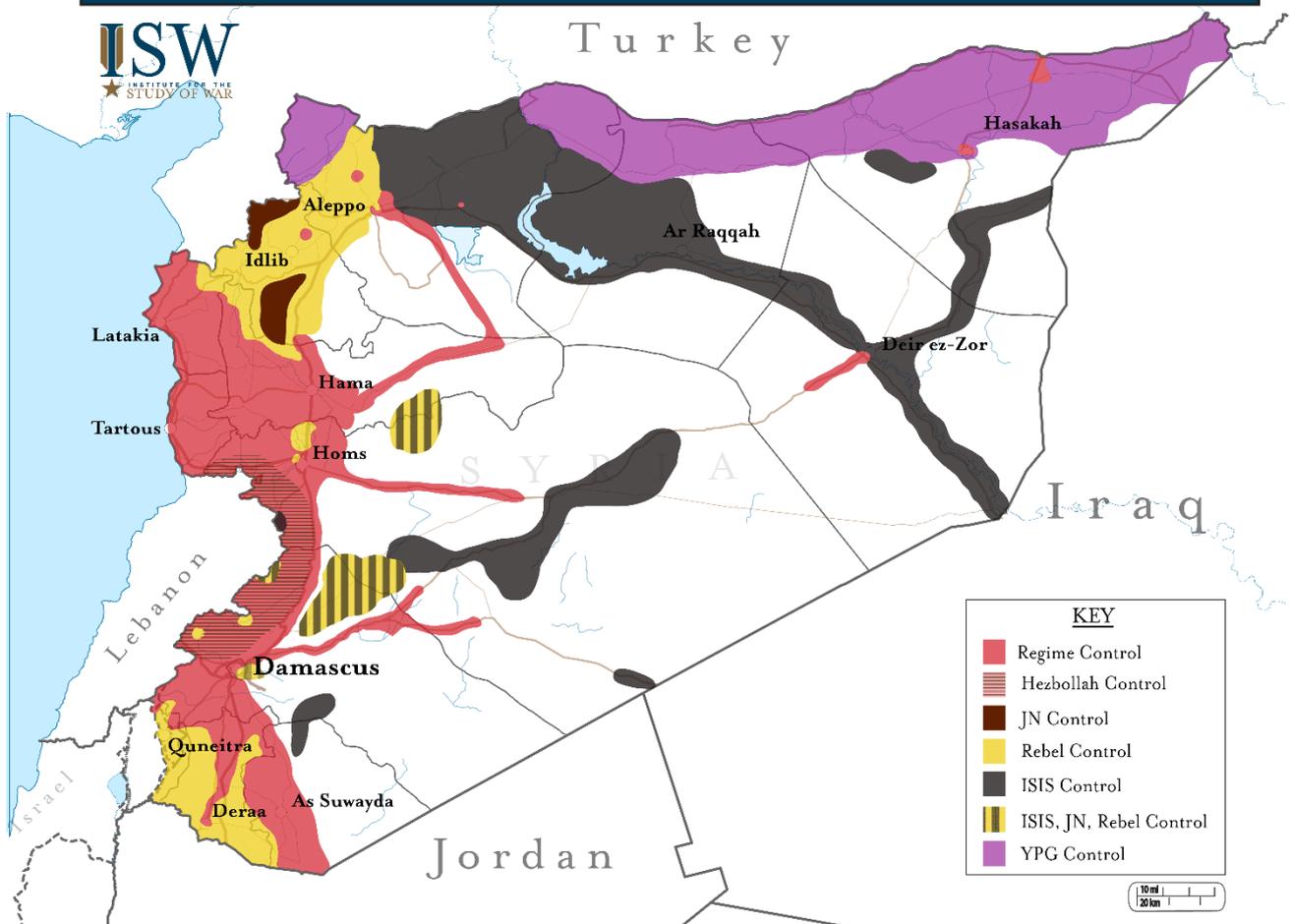
## ANEXO A- MAPA DE DISTRIBUIÇÃO DAS RELIGIÕES NA SÍRIA



Bill Webster/The Washington Post

## ANEXO B- DIVISÃO DO CONTROLE DA SÍRIA ENTRE OS ATORES

### Control of Terrain in Syria: September 14, 2015



Since ISW last published a Control of Terrain in Syria map in June, the Islamic State of Iraq and al-Sham (ISIS) seized the town of Qaryatayn in the Eastern Qalamoun region on August 5 following a brief offensive. The key crossroads town provides ISIS with opportunities to conduct further advances in the direction of Damascus, Homs City, or the strategic T4 (Tiyas) Airbase. ISIS fighters also conducted several attacks against Hezbollah positions along the Lebanese border southwest of Qusayr in Homs Province, highlighting the presence of active ISIS forces in the region. Meanwhile, Jabhat al-Nusra (JN), Ahrar al-Sham, and other rebel factions participating in the Jaysh al-Fatah Operations Room advanced into the al-Ghab Plain in northwestern Hama Province, directly threatening the coastal regime heartland in Latakia Province. JN and other rebel forces also seized the besieged Abu Dhuhur Military Airbase in eastern Idlib Province, leaving the two pro-regime towns of Fu'ah and Kefraya northeast of Idlib City as the only remaining regime presence in the province.

ISW has modified its Control of Terrain in Syria map to order to highlight the terrain which is assessed to be under the predominant control of Lebanese Hezbollah rather than the Syrian regime. Hezbollah seized the town of Qusayr southwest of Homs City in an offensive over April to June 2013 which marked its first overt intervention into the Syrian Civil War. Hezbollah later played a key role in a major operation which cleared rebel forces from Yabroud and other towns along the M5 Highway between Damascus and Homs. Hezbollah launched a new offensive in May 2015 to eliminate the remaining rebel presence in the Qalamoun Mountains along the border with Lebanon, including the besieged rebel-held town of Zabadani northwest of Damascus. The addition of a new zone of control to the map thus reflects the dominance of Hezbollah along the Syrian-Lebanese border.

## ANEXO C- MAPA DO ESTADO ISLÂMICO

# ISIS Sanctuary: September 15, 2015

